

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA – CCSST
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / SOCIOLOGIA

ADELUANE ALMEIDA ARRUDA

**O OLHAR DO PROFESSOR SOBRE A INDISCIPLINA DO ALUNO NA SALA DE
AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

IMPERATRIZ-MA

2018

ADELUANE ALMEIDA ARRUDA

**O OLHAR DO PROFESSOR SOBRE A INDISCIPLINA DO ALUNO NA SALA DE
AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas, pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Orientadora: Prof^a. Dra. Betânia O. Barroso.

IMPERATRIZ-MA

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Arruda, Adeluane Almeida.

O olhar do professor sobre a indisciplina do aluno na
sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental /
Adeluane Almeida Arruda. - 2018.

82 f.

Orientador(a): Betânia Oliveira Barroso.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2018.

1. Aprendizagem. 2. Indisciplina. 3. Professor. I.
Barroso, Betânia Oliveira. II. Título.

ADELUANE ALMEIDA ARRUDA

**O OLHAR DO PROFESSOR SOBRE A INDISCIPLINA DO ALUNO NA SALA DE
AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Betânia O. Barroso
(Orientadora)

Prof^º. Dr^º. Agnaldo José da Silva (1^º Examinador)

Prof^º. Msc. Manoel Pinto Santos (2^º Examinador)

IMPERATRIZ-MA

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho acadêmico em especial a minha mãe, dona Adélia Gomes que tanto me apoiou e incentivou a realizá-lo. E também ao meu pai (in memória), que sonhava junto comigo a conclusão desta jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ouvir as minhas orações. Nos momentos de angústia e aflição o Senhor mostrou-se presente, confortando o meu coração.

A minha mãe, que apesar de zangada dizia “minha filha tudo tem seu tempo”. E apesar dos pesares sempre esteve ao meu lado.

Ao meu pai, que mesmo depois de ter se transformando numa estrela, a mais linda do meu céu, me protege e guarda.

A minha orientadora Betânia Barroso, por sua paciência e dedicação na orientação para conclusão desse trabalho.

Aos meus amigos de turma, Taianne, Carlos, Epaminonas, Diullyane, Fausto, Jéssica, João Paulo, Gilberto, Andressa, Ysadora, Fernando. Obrigada por fazerem parte da minha história acadêmica.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem os conhecimentos necessários para minha formação.

Dedico a todos aqueles que direta e indiretamente me ajudaram nessa fase da minha vida.

EPÍGRAFE

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido autêntico da palavra”
(ANÍSIO TEIXEIRA).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação dos aspectos indisciplinados dos alunos, tendo como foco o olhar do professor, pois a indisciplina é um tema bastante repercutido na escola e comum nos noticiários de jornais, revistas e rádios, segundo os quais esta problemática é apontada como um dos motivos de preocupação do corpo docente. Assim, este trabalho busca compreender o comportamento indisciplinar do aluno e como este pode interferir no processo de ensino e aprendizagem, sendo fundamental a concepção dos professores, os quais presenciam cotidianamente esta realidade dentro da sala de aula. Desta maneira, torna-se necessário que haja uma identificação das possíveis causas da indisciplina, pois com o passar dos anos esta problemática, de certa maneira, agravou-se em diversos aspectos, nos quais pode-se citar como exemplo, o aumento do índice de violência e desrespeito ao professor, bem como a repercussão dessa situação na aprendizagem. Neste contexto, esta pesquisa será desenvolvida a partir de uma investigação empírica sobre a problemática abordada. Para tanto, buscamos fundamentação nos pressupostos teóricos de Aquino (1998), Rebelo (2011), Silva (2014), Vasconcellos (2009), dentre outros autores que também desenvolvem estudos sobre esta temática. A pesquisa foi desenvolvida durante o período de oito meses na Escola Municipal Tocantins, que atende o Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, localizada na cidade de Imperatriz, Maranhão, tendo como sujeitos participantes os professores da escola. Quanto aos resultados obtidos, apenas reforça o que já tínhamos apurado através da revisão literária, que apesar de não ser uma temática nova, a indisciplina ainda é motivo de preocupação para a grande maioria dos professores, sendo que estes não se reconhecem como parte geradora da mesma, tendo em vista associar o problema a fatores externos.

Palavras-chave: Indisciplina. Professor. Aprendizagem.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the indisciplinary aspects of the students, focusing on the teacher's perspective, since indiscipline is a well-known topic in school and common in the newspapers, magazines and radios, according to which this problem is pointed out as one of the reasons of concern the faculty. Thus, this work seeks to understand the student's indisciplinary behavior and how this can interfere in the teaching and learning process, being fundamental the conception of the teachers, who daily see this reality within the classroom. In this way, it is necessary to identify the possible causes of indiscipline, as over the years this problem has, in a way, worsened in several aspects, in which one can cite as an example, the increase in the index of violence and disrespect to the teacher, as well as the repercussion of this situation in the learning. In this context, this research will be developed on the basis of an empirical investigation about the problem. In order to do so, we seek to base the theoretical assumptions of Aquino (1998), Rebelo (2011), Silva (2014), Vasconcellos (2009), among other authors who also develop studies on this subject. The research was developed during the eight-month period at the Tocantins Municipal School, which attends elementary school, from the 6th to the 9th year, located in the city of Imperatriz, Maranhão, with the school teachers as participants. As for the results obtained, it only reinforces what we had already ascertained through the literary review, which although not a new subject, indiscipline is still cause for concern for the great majority of teachers, and these are not recognized as generating part of the in order to associate the problem with external factors.

Keywords: Indiscipline. Teacher. Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	11
1.1.1 Delimitação do tema	13
1.1.2 Problematização	13
1.1.3 Hipótese de estudo	13
1.2. Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Contextualização prévia sobre a Indisciplina	15
2. 1.2 Alguns conceitos sobre indisciplina	16
2.2 Sujeitos e fatores da indisciplina escolar	19
2.3 Algumas reflexões sobre a prática e/ou função do professor e as situações de indisciplina	23
2. 4. Alguns apontamentos sobre a indisciplina com base na teoria comportamental de Skinner.....	28
2.4.1 Uma reflexão acerca do Behaviorismo: o comportamento humano.....	31
2.4.2 Comportamento reflexo	33
2.4.3 Comportamento operante.....	34
2.4.4 O Reforço	36
2.4.5 A Punição	39
2.5 Quando o comportamento do aluno é considerado indisciplinado?	40
2.6 Como a indisciplina afeta o processo de ensino e de aprendizagem	43
2.7 Alguns distúrbios comportamentais: Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)	45
2.8 A Dislexia.....	47
2.9 A família e a indisciplina do aluno na escola	48
2.10 O olhar do professor sobre a indisciplina.....	50
2.11 A formação docente e o desafio da profissão	51
2.12 Como os professores lidam com a indisciplina	53
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	55
3.1 Lócus da pesquisa	57

3.2 Sujeitos da pesquisa.....	58
4. ANÁLISE DOS DADOS E DAS CATEGORIAS DE PESQUISA.....	59
4.1 Categorias.....	61
4.1.1 Conceituação dos professores sobre a indisciplina do aluno na sala de aula.....	62
4.1.2 Os conflitos indisciplinares na sala de aula, na concepção docente	64
4.1.3 A indisciplina e as implicações na aprendizagem	66
4.1.4 Atitudes pedagógicas dos professores diante da indisciplina	68
5. RESULTADOS.....	72
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico busca discutir qual a concepção do professor sobre o comportamento indisciplinar do aluno dentro da sala de aula. Trata-se de um tema bastante discutido não apenas entre os profissionais da educação, mas também por toda a sociedade. Cotidianamente a educação tem enfrentado uma série de questões, e uma desta diz respeito ao mau comportamento do aluno, ou seja, a indisciplina.

Podemos definir indisciplina como falta de disciplina, desobediência, violação das normas e regras escolares. Neste contexto, enfatiza-se a importância da escola no processo de formação do aluno, pois de certa maneira, ela representa a construção da cultura, da ética, da cidadania, ou seja, de contextos e valores sociais. Ao passo que também é inquestionável o papel e/ou função do professor como uma peça-chave para que ocorra o bom andamento do ensino e da aprendizagem na sala de aula.

É possível dizer que a indisciplina é um fenômeno não estático, ou seja, modifica de acordo com o comportamento de cada aluno. A indisciplina nos últimos anos tem sido motivo de preocupação para a maioria dos professores, sendo com frequência discutida nas reuniões pedagógicas, entre professores, coordenadores e gestores.

Por isso, faz-se necessária uma investigação sobre o seguinte problema: Como a indisciplina do aluno é compreendida pelo professor (a) e como interfere no processo de ensino-aprendizagem?

O referido trabalho acadêmico encontra-se estruturado em três partes: O primeiro momento é parte introdutória, no qual é apresentado o tema, a justificativa, a delimitação do tema, o problema, as hipóteses, o objetivo geral e específicos da pesquisa. Essa breve apresentação dos elementos da pesquisa é de suma importância para que haja uma melhor compreensão das demais seções.

No segundo momento é a parte da fundamentação teórica, sendo considerado como aporte autores como Garcia (1999), Tiba (2006), Vasconcellos (2009), Rebelo (2011), Silva (2014), Parrat-Dayán (2016), entre outros. Esses nos ajudaram na discussão sobre o conceito de indisciplina, de modo, a identificar quem são os sujeitos e fatores da indisciplina escolar. Sobre a teoria comportamental (behaviorismo), bem como comportamento enquanto reforço e punição. Abordando como a indisciplina afeta no processo de ensino e aprendizagem; questionando a participação da família ou não no comportamento inadequado do aluno na escola. Além disso, discorreremos sobre o olhar do professor sobre tal problemática, identificando os desafios da profissão.

A abordagem metodológica desta pesquisa foi através da pesquisa qualitativa, sendo utilizados como instrumentos a observação do comportamento do aluno na sala de aula, e a entrevista com quinze professores, uma vez que a pesquisa qualitativa tem como objetivo obter dados empíricos, por meio do contato direto do pesquisador com o objeto de estudo.

Posteriormente, realizamos a análise dos dados da pesquisa, apontando os resultados obtidos junto aos sujeitos investigados.

Dentro desse contexto, esperamos que este trabalho sirva como material de apoio para futuras pesquisas e discussões, tanto para a comunidade acadêmica quanto para professores, de maneira a contribuir para a compreensão da indisciplina, como parte de um fenômeno cotidiano, e tão complexo.

1.1 Justificativa

O motivo que impulsionou o estudo e o levantamento de dados sobre a indisciplina do aluno dentro da sala de aula ocorreu a partir das minhas observações durante as atividades de Estágio Supervisionado, numa escola da Rede Municipal de Ensino. Nesse período foi possível perceber que as atitudes dos alunos podem vir a interferir significativamente na rotina da sala de aula, e de certa maneira pode ultrapassar a delimitação do espaço escolar. Além disso, outro fator que motivou a presente pesquisa foi que a falta de disciplina dos alunos na escola tem sido motivo de preocupação em âmbito Nacional, sendo com frequência, repercutida nos principais meios de veiculação de notícias, tais como jornais, revistas, rádio, e ainda em algumas páginas virtuais na internet.

A indisciplina pode ocorrer de diversas maneiras em ambiente escolar e se caracterizar como atos de rebeldia, desobediência, desordem, entre outros comportamentos inadequados. Na atualidade esses comportamentos mostram-se como um grande desafio a ser superado pelos professores, já que na maioria dos casos os professores buscam aprender a lidar com a indisciplina a partir do exercício pleno da docência (depois da formação). Durante o período de graduação pouco ou nenhuma discussão ocorre sobre o comportamento do aluno.

Na graduação o contato do graduando com o aluno acontece durante as atividades de Estágio, como um componente obrigatório do currículo, entretanto, o prazo das atividades de Estágio não é longo, o que dificulta que o futuro professor possa obter uma visão ampla das dificuldades e problemas disciplinares dentro da sala de aula.

Geralmente os alunos indisciplinados são nomeados de “pestinhas, cãozinhos, danados”, por não cumprirem as regras da escola. Esses, na maioria das vezes, possuem notas

baixas, não conseguem se relacionar de maneira amigável com outros colegas da classe. Na busca por uma solução, supostamente, adequada alguns professores, diante da falta de disciplina do aluno, buscam de certa maneira mantê-los ocupados, ou seja, por meio, de atividades de leituras, debates, seminários, exercícios e pesquisas. Entretanto, a maioria não cumpre as atividades estabelecidas pelo professor e alguns acabam apenas copiando a resposta da atividade de outro colega, ou ainda pode acontecer, o “copiar e colar” dos conteúdos de sites de busca da internet.

O copiar e colar de site de busca é algo comum entre os alunos. Um possível motivo para essa prática é a disponibilidade de conteúdo e acesso a rede mundial de informações - a internet. Entretanto, apesar da facilidade de acesso a uma “gama” de informações o que se observa dentro da sala de aula é a resistência da maioria dos professores, em utilizar essa ferramenta tecnológica.

Geralmente o que acontece nas escolas são aulas apresentadas cotidianamente de uma maneira tradicional, ou seja, apenas com uso do quadro branco e do livro didático, o que torna as aulas cansativas e enfadonhas. Assim, o ambiente escolar, de certa maneira se distancia da realidade do aluno, pois em casa eles têm acesso a aparelhos tecnológicos como, por exemplo, celular, televisão, videogame, internet, entre outras tecnologias. A escola passou a ser frequentada por uma nova geração, uma geração “bem informada” que possivelmente já não se contenta com a mesmice didática. E isso afeta, de certa maneira, a relação entre o professor e o aluno, bem como o processo de ensino e aprendizagem.

É importante ressaltar que em pleno século XXI, percebemos que a relação entre professor e o aluno não acontece da mesma maneira que nas décadas anteriores. Uma vez que a sociedade mudou, assim como os valores, os costumes, e as normas sociais, bem como o próprio aprimoramento tecnológico. E por causa dessas mudanças tanto o professor quanto a escola têm que enfrentar ou lidar com uma atitude comportamental que não é estável, nem passível, mas, que se agravou no decorrer dos tempos, ou seja, a indisciplina do aluno na sala de aula.

Dentro desse contexto, tem-se a escola como um ambiente formador, que impõe a ordem e a disciplina a ser seguida pelos que ali estão. A instituição escolar se organiza através de “obrigações” a serem cumpridas, ou seja, os alunos possuem horários a serem seguidos, atividades a serem entregues, no entanto, diante dessas normas muitos alunos mostram-se transgressores e/ou indisciplinados.

Para que possamos entender a indisciplina, torna-se necessário que haja uma identificação das suas possíveis causas, pois com o passar dos anos esta problemática, de certa

maneira agravou-se em diversos aspectos, nos quais pode-se citar como exemplo, o aumento do nível de agressão e desrespeito ao professor, bem como a repercussão dessa situação na aprendizagem. Além disso, este trabalho justifica-se, por tratar de uma temática de suma importância não apenas para o meio acadêmico, mas também para toda a sociedade.

1.1.1 Delimitação do tema

O presente trabalho delimita-se em colher informações juntamente com os professores da Rede Municipal de Ensino sobre a questão da indisciplina do aluno na sala de aula.

O local escolhido para a realização da pesquisa foi uma escola da Rede Municipal de Ensino, que funciona no período matutino e vespertino, que possui aproximadamente 20 professores ministrando aula, com 500 alunos matriculados. Os sujeitos da pesquisa são os professores que ministram aula no Ensino Fundamental anos finais, especificamente do 6º ao 9º ano. A pesquisa tem como intuito investigativo compreender o comportamento indisciplinar do aluno a partir da concepção do professor (a).

1.1.2 Problematização

Devido à complexidade e abrangência da problemática do comportamento indisciplinar do aluno e pelo fato de não ser um fenômeno estático ou passível, na atualidade a indisciplina é um dos principais motivos de preocupação para a maioria dos professores sendo com frequência discutida em reuniões pedagógicas.

Este trabalho visa responder a seguinte questão: Como a indisciplina do aluno é compreendida pelo professor (a) e como interfere no processo de ensino-aprendizagem?

Diante desta problemática, não é uma tarefa fácil entender a indisciplina, visto que podem surgir inúmeras hipóteses, das quais podemos destacar algumas.

1.1.3 Hipótese de estudo

Por se tratar de um tema complexo, possivelmente discutir como a indisciplina é compreendida pelo professor e como pode afetar o processo de ensino e aprendizagem do aluno, não é uma tarefa fácil, pois podemos encontrar variadas respostas para esta problemática.

Nesse sentido, destacamos que o comportamento inadequado do aluno interfere no ensino-aprendizagem, pois, para o professor prejudica, de certa maneira, seu desempenho durante a aula e na escola. Sendo frequentes os casos em que os professores têm que parar a explicação do conteúdo didático, para tomar medidas de controle diante, por exemplo, a “dispersão” dos alunos. Entretanto, nem sempre as estratégias pedagógicas são bem sucedidas.

É possível refletir que as conversas paralelas, a agitação, rebeldia, possa acontecer devido a não afinidade que o aluno tem com determinada matéria ou professor, ocasionando o desinteresse durante a aula. Nesse sentido, o comportamento indisciplinar interfere na aprendizagem, pois, geralmente reflete através do baixo rendimento escolar.

As relações familiares também podem ter possível relação com o comportamento inadequado do aluno dentro do ambiente escolar.

1.2. Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

A pesquisa tem como objetivo geral compreender o comportamento indisciplinar do aluno, a partir da concepção do professor (a) do Ensino Fundamental dos anos finais de uma escola Municipal de Imperatriz - MA.

1.2.2 Objetivos específicos

- Compreender como os professores (as) conceituam a indisciplina escolar do aluno.
- Investigar como os conflitos indisciplinares ocorrem na sala de aula e as implicações na aprendizagem.
- Verificar como os professores lidam com a indisciplina do aluno, tendo em vista o processo de ensino e aprendizagem.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contextualização prévia sobre a Indisciplina

A indisciplina no decorrer da história da educação tem sido motivo de constante questionamento e preocupação para todos que compõem o corpo educacional da escola. Sendo que nos últimos anos tornou-se uma questão de cunho social, já que há casos que o comportamento do aluno pode ultrapassar as delimitações da estrutura escolar.

Para que possamos nos aprofundar nessa discussão, tomaremos como aporte teórico os seguintes autores: Garcia (1999), Tiba (2006), Vasconcellos (2009), Rebelo (2011), Silva (2014), Parrat-Dayan (2016), entre outros autores que desenvolvem estudos sobre o tema.

Através do pressuposto teórico mencionado anteriormente busca-se discutir neste trabalho a indisciplina a partir da concepção dos professores (as). Uma vez que estes (as) têm de certa maneira um olhar sensível sobre o tema. Os professores de uma maneira geral vê a indisciplina do aluno como um grande desafio, sendo poucos os casos que esse comportamento é atribuído ou entendido pelo professor como um fator que decorre da própria ação ou prática pedagógica.

Imerso nessa perspectiva, a indisciplina pode ser discutida como um fenômeno que está diretamente relacionado às regras, as normas escolares, e a posição que é adotada pelo sujeito frente às relações dentro do cotidiano escolar, ou seja, a relação entre o professor e o aluno, aluno e aluno, ou quanto as diferentes situações que envolvem a sala de aula e a escola. É a postura e a relação entre os sujeitos dentro do ambiente escolar que podem ser entendidos ou não como atos de transgressão ou indisciplina.

A indisciplina é um fenômeno que pode modificar-se de acordo com a ação ou comportamento de cada indivíduo. Sendo possível observar que a variação comportamental acontece de acordo com a personalidade de cada um, o aluno, uma vez que ela não possui uma forma específica.

De uma maneira resumida, “o tema da indisciplina é complexo porque ela tem múltiplas causas, uma vez que articula várias dimensões. Além disso, assume diferentes formas em nossa sociedade atual, formas que não existiam em outras sociedades e em outros tempos” (PARRAT-DAYAN, 2016, p. 15). Ressalta-se que “apesar da atualidade que envolve o tema, é preciso assinalar que essa preocupação não é nova” (PEREIRA, 2009, p. 23). Por esse motivo, faz-se necessário uma investigação de cunho científico e acadêmico sobre os fatores que podem gerar indisciplina dentro da sala de aula. Dando ênfase aos conceitos e o

olhar do professor sobre o tema. Para que assim, haja uma melhor compreensão sobre a temática aqui tratada.

2. 1.2 Alguns conceitos sobre indisciplina

A indisciplina escolar é um tema bastante discutido não apenas entre os profissionais da educação, mas também pela sociedade. Trata-se de um fenômeno que se mantém atual, onde os casos se repetem dia a após dia, gerando a busca por medidas que possam vir a solucionar ou amenizar essa situação. A escola e os professores são os que mais sofrem com a falta de disciplina do educando. Dentro da sala de aula a autoridade docente é em muitos casos, desconsiderada pelo aluno.

Nesse sentido, o professor, por perder de alguma forma sua autoridade, vê-se desrespeitado, pois, o comportamento do aluno mostra-se de certo modo inadequado na sala de aula, uma vez que, para o professor o descumprimento de regras são características da indisciplina escolar, problemática cada vez mais presente nas reuniões pedagógicas, situação pelas quais alguns professores, dizem, sentem-se “frustrados”, em função de não conseguirem trabalhar os conteúdos didáticos de uma maneira supostamente adequada.

Diante desse contexto, como podemos conceituar a indisciplina e indisciplina escolar? Para responder esta questão, tomaremos por base alguns apontamentos teóricos.

O dicionário Houaiss (2001) define indisciplina como sendo a:

s,f. 1 falta de disciplina; desobediência, insubordinação, rebeldia, *comportamento marcado pela indisciplina* 1.1 violação de regras ou ordens impostas [...] *indisciplina*, ae ‘falta de instrução, ausência de disciplina’; *ver disc-* sinônima de *confusão e desobediência* [...] (HOUAISS, 2001, p. 1606).

Silva (2014) esclarece que o termo indisciplina na maioria das vezes é utilizado para designar um mau comportamento daquele que não consegue cumprir as regras.

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitarem alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaboradas democraticamente (SILVA, 2014, p. 21).

Através dos conceitos citados anteriormente pelo dicionário Houaiss (2001) e também por Silva (2014) é possível compreender de uma maneira resumida que a indisciplina

está relacionada ao descumprimento de regra, desobediência, desrespeito, e a ação de insubordinação.

Entretanto, sob outra perspectiva, para Rebelo (2011, p. 12) a indisciplina escolar se relaciona diretamente a “concepção bancária de educação”, conforme o olhar de Paulo Freire (2014). Neste contexto pode-se relatar a princípio que a abordagem da autora sobre a concepção bancária de educação, é na verdade uma crítica ao modo de alienação imposta pelo professor ao aluno.

Assim, segundo a concepção bancária de Freire (2014), na sala de aula o educador utiliza como principal método de ensino a narração, o aluno é apenas um espectador desta narrativa, o autor chega a compará-los a uma “bacia” a ser cheia de conteúdo por aqueles que se dizem serem detentores do saber. Os conteúdos didáticos não são contextualizados ou problematizados com a realidade do educando. Neste método de ensino, o aluno pode tornar-se incapaz de desenvolver um senso crítico, pois a ordem e a disciplina são mecanismos de coesão, que segundo Rebelo (2011) essa situação pode gerar uma ação de “revolta” no aluno e caracterizar-se como comportamento indisciplinar.

De acordo com a autora:

Na “concepção bancária”, a indisciplina escolar é de responsabilidade apenas do aluno, pois sendo o professor a figura central do processo de ensino-aprendizagem e o único detentor do saber, a ele, apenas, deve-se toda a reverência. Assim, qualquer atitude contrária às suas imposições, amparada por um currículo escolar fechado e excludente que sustenta esse tipo de educação, é tratada como indisciplina (REBELO, 2011, p. 49).

Segundo Vasconcellos (2009, p.57), a crise da indisciplina escolar é realmente muito séria, devido ao fato de que pela primeira vez na história da humanidade o que está em jogo é a continuidade da instituição quanto ao seu papel. Na visão de muitos críticos, a instituição escolar não consegue ter controle sobre os que nela se encontram, uma vez que a:

Indisciplina, então, seria sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Equivaleria, pois a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas (AQUINO, 1996, p. 45 apud REBELO, 2011, p. 35).

Como podemos notar, a indisciplina escolar ocorre das mais diversas formas e está ligada aos mais diferentes questionamentos. Sendo que diante dessa discussão a escola aparece com o papel primordial na formação dos alunos. Quando observamos seu espaço físico-social, podemos notar que a escola dispõe de medidas de controle sobre os alunos. É

possível perceber, por exemplo, que dentro das salas de aula, o modo como às carteiras são enfileiradas, a postura autoritária dos professores diante dos alunos, bem como a rigidez com o cumprimento de horários e normas. As normas institucionais têm como objetivo conter e mediar o comportamento indisciplinar dos alunos.

Assim, a sala de aula é na verdade um grande campo de pesquisa, no qual podemos averiguar uma série de fatores ligados ao ciclo de ensino-aprendizagem. Como conceituamos anteriormente, o termo indisciplina relaciona-se ao descumprimento das regras e normas, a falta de limite, o desinteresse escolar, entre outros. Dentro desse contexto, é cabível também conceituarmos o comportamento disciplinar do aluno. Tendo em vista que esse comportamento de disciplina é a princípio um desejo comum entre a maioria dos professores.

De acordo com Vasconcellos, o termo disciplina está ancorado nos exemplos históricos de submissão e ordem, tais como o que era imposto sobre os escravos, os servos e operários. O autor busca através destes exemplos fazer uma comparação com a disciplina que é imposta ao aluno na atualidade. Para o autor a disciplina é uma resposta passiva a vontade de outro sujeito, onde não há lugar para construção do questionamento, nem da crítica. “Tal concepção é terrível, pois prepara, reflete, realimenta todo tipo de dominação” (VASCONCELLOS, 2009, p. 87). E por esse motivo, o autor esclarece que por causa das atitudes de dominação e submissão é preciso superar essa visão disciplinar.

Com o auxílio do dicionário, Ferreira define o termo disciplina como:

s.f. Regime de ordem imposta ou livremente consentida. 2. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escola, etc.). 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor. 4. Observância de preceitos ou normas. 5. Submissão a um regulamento [...] (FERREIRA, 1988, p. 224 apud REBELO, 2011, p. 42).

De outro modo, ou sob outra perspectiva conceitual, para Vasconcellos:

A disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais ou coletivos. Pode haver divergências quanto à concepção de disciplina, mas, com certeza, sua ausência inviabiliza o crescimento do sujeito, uma vez que a aprendizagem, especialmente a escolar, é um processo rigoroso, sistemático, metódico (VASCONCELLOS, 2009, p. 25).

Diante das citações mencionadas anteriormente é possível perceber a disciplina sob dois pontos, o primeiro que se encontra relacionado à submissão e a ordem, na imposição e na exigência sobre o sujeito, onde não há espaço para o diálogo e para a formação crítica, e o

segundo que diz respeito ao comportamento como disciplina, como parte do aprimoramento no processo de aprendizagem.

Entretanto, é importante indagar qual a opinião que os professores têm sobre uma aula com alunos disciplinados? Segundo Vasconcellos (2009, p. 88), os professores possuem uma concepção de que a disciplina encontra-se “ancorada” diretamente ao comportamento do aluno, de modo a classificar “o bom aluno”, como sendo aquele bem-comportado, obediente, dócil e cumpridor dos deveres.

Nesse sentido, para que o trabalho pedagógico se desenvolva de maneira adequada, dentro dos parâmetros satisfatórios dos professores, o autor citado acima relata que a resposta a esta questão é um tanto complexa devido ao fato do aluno ser mantido dentro de padrões comportamentais rígidos, pois “o que encontramos com frequência é preocupante: o aluno enquadrado, quieto, passivo, apenas ouvindo, cumprindo as determinações do mestre” (VASCONCELLOS, 2009, p. 89). Com base nessa perspectiva, é possível verificar que este modo disciplinador dificulta a liberdade de expressão, a criatividade, à participação, o questionamento e a autonomia do educando.

A partir das abordagens e concepções sobre a indisciplina e num momento posterior as definições sobre disciplina, torna-se importante considerar quais os sujeitos e os fatores que favorecem os atos indisciplinados na escola, segundo a ótica do professor.

2.2 Sujeitos e fatores da indisciplina escolar

Em relação à questão do sujeito da indisciplina, via de regras, o aluno é apontado como “único sujeito responsável pela indisciplina escolar” (REBELO, 2011, p. 12). Neste sentido podemos entender que se trata de um aluno que possivelmente pode gerar situações e “problemas” na escola.

Para Aquino (1998):

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos “distúrbios psico/pedagógicos”; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais “distúrbios de aprendizagem”) ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de “indisciplinadas” (AQUINO, 1998, p. 183).

Nesta perspectiva o comportamento inadequado dos alunos dentro da sala de aula é uma das principais queixas dos professores. Dentro desse cenário comportamental o aluno é apontado como o personagem principal.

Em relação aos fatores indisciplinados na escola, como exemplos dados pelos professores, pode-se citar: aquele aluno que não leva o livro didático à escola; o comportamento disperso, a agitação, a conversa paralela, bem como a rebeldia (REBELO, 2011, p. 31). Estas, por vezes, para o professor estão associadas às questões familiares.

Além dos fatores citados acima sobre a indisciplina na escola, também é possível que ocorra através da intimidação moral, de maneira direta ou indireta. Os atos indisciplinados que ocorrem dentro do ambiente escolar podem decorrer das ações entre os alunos, mas também podem acontecer em função de ações que envolvam os membros que integram o espaço escolar, como professores, coordenadores, zeladores, etc. Nesta perspectiva, é cabível ressaltar que o papel da escola torna-se primordial, pois esta tem como dever educar e formar cidadãos com o propósito de inserção na sociedade.

Também é considerado como fator da indisciplina a utilização das novas tecnologias. É frequente a queixa sobre a utilização dos aparelhos celulares, sendo apontados pelos professores como os “grandes vilões” durante a aula. O advento tecnológico pode ter agravado ainda mais uma antiga problemática educacional, a indisciplina do aluno, uma vez que na sala de aula “o professor é completamente ignorado” (VASCONCELLOS, 2009, p. 58), é desfocado de seu papel, ou seja, é possivelmente substituído pelas novas formas de comunicação e informação.

Os aparelhos com acesso a internet tornou-se uma ferramenta que facilita o uso das redes sociais tais como Facebook, Instagram, WhatsApp, Imo, Badoo, Line, entre outros. Sobre esse assunto, Vasconcellos (2009, p. 67) retrata que o acesso das crianças e jovens às novas tecnologias possuem caráter ambivalente. Apesar dos jogos eletrônicos desenvolvem a motricidade e o raciocínio lógico, também podem ocasionar sequelas no indivíduo, tais como crise de pânico, isolamento social e sedentarismos.

Além disso, na sala de aula, as redes sociais ajudam a propagar uma “onda” de conversas virtuais paralelas durante as aulas. Com o uso de siglas virtuais próprias, há um distanciamento do “velho” modo da escrita da língua portuguesa, de modo que as consequências são os frequentes erros ortográficos. Na busca para solucionar esta problemática, os professores, em sua maioria, tomam medidas estratégicas, tais como fazer o recolhimento dos aparelhos de celulares ou proibirem o uso destes na sala de aula.

Neste contexto, observa-se um leque de conteúdos disponíveis, a todo o momento, no “mundo virtual”. Todavia, dentro das salas de aulas ocorre uma grande resistência dos professores em utilizarem tais ferramentas tecnológicas. As aulas são apresentadas quase sempre de maneira tradicional, apenas com uso do quadro branco e do livro didático. Assim, o

método utilizado para o ensino e aprendizagem das crianças e jovens, torna-se uma rotina cansativa e enfadonha, de modo que gera manifestações por vezes de desânimo, irritação, inquietação e questionamentos variados, ou seja, comportamentos inesperados pelos professores.

Nesse sentido, Garcia considera que:

O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma com as aulas que considera “enfadonha”, “desatualizada”, “teórica”, ou a relação “autoritária”, “desumana” ou “fria”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação (GARCIA, 1999, p. 103).

Além do exposto, e, tendo em vista a questão da aprendizagem, também é possível que as questões familiares afetem, de certa maneira, o desempenho escolar do aluno. Nesse sentido, Rebelo (2011. p. 24) analisa as manifestações de indisciplina através dos aspectos psicológicos (de cunho psicanalítico), com base na afetividade do aluno na relação familiar.

Segundo a autora citada, devido à fragilidade da relação afetiva, a rigidez que os pais têm sobre os filhos, além da falta de diálogo familiar, torna-se recorrente a promoção e o agravamento da baixa autoestima dos filhos, assim dentro da sala de aulas as intervenções através dos questionamentos e as participações são cada vez mais raras, pois esta inibição ocorre devido ao medo que o aluno tem de errar. Neste contexto, ressaltamos as queixas dos professores em relação aos pais, que analisam as manifestações afetivas como falta de limite dos alunos:

A família não tem colaborado; os alunos vêm sem limites de casa. Geralmente, há até convivência dos pais: o professor nunca tem razão. Há muitos problemas familiares. (...) A indisciplina em sala de aula extrapola totalmente e aí não tem jeito, só se bater; e bater não pode (VASCONCELLOS, 2009, p. 57).

As situações apontadas acima trouxe a reflexão sobre os atos punitivos e disciplinadores, de modo que é importante ressaltar o fato da aprovação da Lei nº 13.010 que proíbe toda e qualquer prática punitiva tais como: surra, ameaças e castigos sendo geralmente utilizadas com o intuito disciplinador e educativo sobre as crianças e jovens.

O rigor da Lei da Palmada ou Lei Menino Bernardo nº 13.010/2014 altera a Lei nº 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente – estabelece o direito da criança e do adolescente de serem cuidados e educados sem nenhum tipo de castigo ou tratamento cruel. Assim a Lei nº 8.069 de Julho passou a vigorar acrescida dos Art. 18-A, 18-B e 70-A.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.

Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se:

I - castigo físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em:

- a) sofrimento físico; ou
- b) lesão;

II - tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que:

- a) humilhe; ou
- b) ameace gravemente; ou
- c) ridicularize.

Art. 18-B. Os pais, os integrantes da família ampliada, os responsáveis, os agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou qualquer pessoa encarregada de cuidar de crianças e de adolescentes, tratá-los, educá-los ou protegê-los que utilizarem castigo físico ou tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto estarão sujeitos, sem prejuízo de outras sanções cabíveis, às seguintes medidas, que serão aplicadas de acordo com a gravidade do caso:

I - encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família;

II - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico;

III - encaminhamento a cursos ou programas de orientação;

IV - obrigação de encaminhar a criança a tratamento especializado;

V - advertência.

Parágrafo único. As medidas previstas neste artigo serão aplicadas pelo Conselho Tutelar, sem prejuízo de outras providências legais.

Art. 70-A. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão atuar de forma articulada na elaboração de políticas públicas e na execução de ações destinadas a coibir o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante e difundir formas não violentas de educação de crianças e de adolescentes, tendo como principais ações:

I - a promoção de campanhas educativas permanentes para a divulgação do direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante e dos instrumentos de proteção aos direitos humanos;

II - a integração com os órgãos do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública, com o Conselho Tutelar, com os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e com as entidades não governamentais que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente;

III - a formação continuada e a capacitação dos profissionais de saúde, educação e assistência social e dos demais agentes que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente para o desenvolvimento das competências necessárias à prevenção, à identificação de evidências, ao diagnóstico e ao enfrentamento de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente;

IV - o apoio e o incentivo às práticas de resolução pacífica de conflitos que envolvam violência contra a criança e o adolescente;

V - a inclusão, nas políticas públicas, de ações que visem a garantir os direitos da criança e do adolescente, desde a atenção pré-natal, e de atividades junto aos pais e responsáveis com o objetivo de promover a informação, a reflexão, o debate e a orientação sobre alternativas ao uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante no processo educativo;

VI - a promoção de espaços intersetoriais locais para a articulação de ações e a elaboração de planos de atuação conjunta focados nas famílias em situação de violência, com participação de profissionais de saúde, de assistência social e de

educação e de órgãos de promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Parágrafo único. As famílias com crianças e adolescentes com deficiência terão prioridade de atendimento nas ações e políticas públicas de prevenção e proteção (BRASIL, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>).

Possivelmente, o impacto da proibição posta em lei, ou seja, a questão dos castigos às crianças e adolescentes, ocasionou mudanças nas concepções dos pais, dos cuidadores e dos educadores, de modo que outros modelos e instrumentos culturais passaram a ocupar o processo educativo da criança na família e nas escolas, como os exemplos citados anteriormente: computador, jogos, celulares, dentre outros, funcionando como “facilitadores” do processo educador da criança. Entretanto, Aquino (1998, p. 192) explica que “precisamos recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo claramente os papéis de pai e de professor. Família e escola não é a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra”. Uma vez que pai não é professor, e o professor não exerce ou desenvolve dentro da sala de aula o papel afetivo de pai.

De acordo com Rebelo (2011) é primordial o papel da escola, pois esta tem o dever de detectar os mecanismos que poderão intervir no comportamento do aluno. Com o mesmo raciocínio Garcia (1999) considera fundamental que a escola analise sua estrutura de acordo com desenvolvimento e necessidade dos alunos, sendo que é papel da escola garantir as condições necessárias para o bom andamento das atividades de ensino e aprendizagem. A escola deve:

Refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisório na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam (GARCIA, 1999, p. 102).

Assim, tanto a escola quanto a família devem trabalhar de maneira conjunta, na formação educacional das crianças. Moldando de certa maneira o comportamento do aluno através de atividades sócio-educativas, como seminários ou rodas de conversas. São atividades como essas que possibilitam a formação pessoal e crítica do educando.

2.3 Algumas reflexões sobre a prática e/ou função do professor e as situações de indisciplina

Como foi dito anteriormente, segundo o olhar do professor, há uma série de fatores que possivelmente levam a recorrência do ato indisciplinar do aluno dentro da sala de aula. O modo inadequado como este se comporta pode vir a atingir a todos que promovem o ensino,

em especial, o próprio professor. Diante disso, cabe uma análise sobre qual a prática e/ou função do docente diante da indisciplina.

Nesse sentido, o dicionário Houaiss define professor como:

s.m. 1 aquele que professa uma crença, uma religião. 2 aquele cuja profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidade; docente, mestre *p. de matemática* 2.1 p. ext. aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa - *peça-lhe para ensinar seu filho a andar de bicicleta, que ele é bom* p. 3 aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (como o normal, alguns cursos universitários, o curso de licenciatura etc.) 4 fig. indivíduo muito versado ou perito em (alguma coisa) adj. 5 que professa; promitente. 6 que exerce a função de ensinar ou tem diploma ou título de professor [...] (HOUAISS. 2001, p. 2306).

Através do conceito mencionado anteriormente, é possível perceber que cabe ao professor, dentro da sala de aula exercer a função de dar aula, de modo a transmitir seus conhecimentos aos que não sabem.

O professor, pelo papel social que assume, representa a cultura, a tradição, a norma, a lei, a autoridade, a verdade historicamente constituída por determinada comunidade, cabendo-lhe a tarefa de inserir as novas gerações nesse universo. Por outro lado, essa inserção tem que ser crítica e criativa (VASCONCELLOS, 2009, p. 102).

Esta perspectiva nos dias atuais encontra-se cada vez mais distante da relação professor-aluno. O papel do professor é “desvalorizado”, muitos têm que desenvolver seu trabalho em condições precárias. Quanto ao ambiente das salas de aula, pode-se relatar que a maioria possui espaços minúsculos e são ocupadas por um número de aluno que excede a capacidade da sala, e/ou não possui ventilação adequada, as paredes são sujas, as mesas e as cadeiras apresentam-se quebradas ou pichadas com material corretivo, dentre outras situações.

Desse modo, possivelmente todos estes problemas acabam dificultando o bom desenvolvimento das atividades de ensino. Além disso, outro fator que deve ser ressaltado é o tempo da duração de uma aula, no qual cabe ao professor fazer a explicação do conteúdo didático em aproximadamente 40 minutos, esse curto período pode prejudicar o bom andamento do ensino. Sendo assim, muitas são as questões em torno do ensino e aprendizagem que devem ser repensadas e superadas.

Nesse contexto, o que também prejudica o bom desenvolvimento das aulas é a falta de disciplina do educando. Qual o papel do professor diante desta problemática? Segundo Vasconcellos, o professor deve agir como:

Coordenador do processo, sabendo das necessidades discentes em geral e do processo de conhecimento em particular; empenha-se para: 1) mobilizar os alunos; 2) propiciar atividades cognitivas sobre o objeto de estudo; 3) propiciar a expressão da síntese que elaboram. Portanto, com sua exposição, deseja provocar a ação e a manifestação do aluno (VASCONCELLOS, 2009, p. 91).

Para exemplificar o que o autor aborda acima, utiliza-se de um clássico do cinema. O filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) relata a história de um internato americano masculino, que é renomado pelo fato de reproduzir dentro da sua estrutura escolar os padrões tradicionais de ensino, onde é exaltada a tradição, a honra e a disciplina como um fator de excelência. De acordo com este enredo, ressaltamos a figura do professor John Keating (protagonizado pelo ator Robin Williams) que motivava seus alunos a fugirem totalmente dos padrões curriculares impostos pela escola.

Logo na primeira cena do filme podemos perceber de uma maneira ampla o que é uma sala de aula dita como indisciplinada, onde os alunos estão totalmente dispersos. As bolinhas de papel são arremessadas para todos os lados e o barulho é quase que ensurdecedor, e apesar do professor John estar dentro da sala de aula, sua presença é totalmente ignorada pelos alunos.

Entretanto, essa manifestação de indisciplinada, no decorrer da trama acaba sendo superadas a partir do lema *Carpe Diem* ‘aproveite seu dia’, através disso os alunos são motivados pelo professor John a expandirem seus pensamentos e ideias para além do senso comum, e também para fora do enquadramento escolar, e partem a pensar por si mesmos. A partir disso, os alunos passam a se organizar em grupos para fazer a leitura de livros e versos, entre outros arranjos literários. As reuniões aconteciam de uma maneira secreta, pois a escola proibia toda e qualquer ação coletiva. Além disso, John os estimulava a falarem alto, a subirem nas mesas e cadeiras, rasgarem livros, recitarem poemas, de modo que todos estes exercícios tinham uma única finalidade, a liberdade das “algemas disciplinares” da escola.

Neste contexto, podemos analisar que a história fictícia do filme “*Sociedade dos Poetas Mortos*”, em alguns aspectos, se relaciona com a realidade que muitos professores enfrentam cotidianamente na sala de aula. Entretanto, ainda é bastante utópica a visão de um professor como o Sr John que usava da sua paixão pelo ensino para revolucionar totalmente o modo de ensino e aprendizagem. Por esse motivo, nos instiga a pensar que em pleno século XXI, a algema da disciplina de certa maneira ainda rígida e punitiva impossibilita a liberdade de reflexão do aluno.

No entanto, para o psiquiatra, psicodramatista, escritor e professor Içami Tiba (2006), é possível compreender que o docente, pelo papel social que exerce dentro da

instituição escolar possui aproximadamente quatro funções primordiais para bom desenvolvimento da socialização comunitária, sendo elas: a função de ser professor, a função de coordenador de um grupo de alunos, a função de membro do corpo docente e a função de empregado de uma instituição.

O autor esclarece que para exercer a função propriamente dita de professor é preciso primeiramente que esse tenha plena certeza do que ensina, ou seja, é preciso que o professor saiba transmitir o conhecimento ao aluno, tenha convicção do que está ensinando, sendo que esta função se aprende através da constituição profissional, pois o professor pode ser apenas um mero “falante”, por exemplo: o docente que não contextualiza o conteúdo; ou aquele que apenas usa do acúmulo da sua experiência de professor para aprimorar o ato de ensino, sem que procure uma devida especialização e aprofundamento em sua formação.

Segundo Tiba (2006), para que o professor possa vir exercer a função de coordenador de um grupo de alunos é preciso primeiramente que ele tenha noções fundamentais de dinâmica de grupo ou de psicologia, em geral pode-se dizer que estas são a base para promover a autoridade do professor como coordenador. Desse modo, é através do exercício de coordenador que o docente poderá vir a identificar mais facilmente os problemas e dificuldades na sala de aula, é justamente o olhar do docente que poderá dar o bom andamento da aula. Ora, como mencionado anteriormente, Vasconcellos (2009) também defende a ideia do professor como coordenador, sendo que durante este processo o docente deve mobilizar os alunos em atividades que possa despertar a curiosidade e exaltar a ação criativa ou crítica sobre um determinado objeto de estudo.

Desta maneira é fundamental ressaltar que:

O professor como coordenador do trabalho, vai procurar gerir, pessoal e/ou coletiva, as diferentes necessidades, desejos, saberes, expectativas, objetivos, planos de ação; a tarefa é articular (procurar pontos comuns), negociar (cede um pouco, exige um pouco, espera um pouco), desvelar (o sujeito pode ter determinadas necessidades que ainda não estão conscientes) e/ou provocar o surgimento (VASCONCELLOS, 2009, p. 115).

Para o autor o que está em jogo é despertar no aluno o interesse de inteirar-se plenamente das diversas situações de aprendizagem do modo que o aluno possa prestar atenção tanto na aula quanto nas atividades que está fazendo, assim pode-se afirmar que o professor deve agir como articulador e “conciliador” de ideias.

Içami Tiba (2006) continua sua análise sobre a função do professor como um membro do corpo docente, e ainda, como empregado de uma instituição. A princípio, o desejo

do autor é que todos os professores possam agir em conjunto para solucionar de maneira supostamente adequada as principais reclamações e queixas sobre os alunos. O autor esclarece que o ofício do professor como qualquer outro lugar dentro da escola também, requer direitos e obrigações. “Como todo ser humano, o professor também pode vir a errar” (Ibidem, p. 126). Se por acaso, o professor se envolver numa discussão dentro do ambiente escolar, deve buscar ajuda de uma entidade competente, a coordenação ou direção da escola, sob nenhuma hipótese o professor pode descarregar seus problemas nos alunos.

Diante do exposto, pode-se dizer que a prática e/ou função pedagógica não é uma tarefa fácil, pois muitos são os desafios que envolvem a educação e o professor que ainda devem ser superados.

Os professores, de modo geral, já perceberam a necessidade urgente de buscar novas alternativas para resolver a atual situação da indisciplina. Por esse motivo sugere-se, por exemplo, pensar o professor como um “bom chefe de cozinha”, mas, não daquele que faz uso de uma receita pronta, tal como a atitude de muitos professores que fazem o uso quase que exclusivo do livro didático. Deve-se pensar do chefe que através da sua habilidade busca inovar no tempero da comida e, além disso, realiza sempre uma boa apresentação do prato. Nesse sentido, o ensino pode se tornar algo bastante prazeroso, como o exemplo já mencionado do Sr John. Paralelamente pode-se afirmar que “não só o saber formal das escolas, mas também o informal, que às vezes é muito mais construtivo: é bem mais agradável ao paladar, bem mais apetitoso” (TIBA, 2006, p. 131).

Ora, dentro da sala de aula o “professor-cozinheiro” é aquele que prepara com atenção e cuidado a apresentação de uma aula, que utiliza novas metodologias de ensino para despertar o interesse do aluno pela matéria, que proporciona uma contextualização entre o conteúdo didático e a realidade do aluno. Para isso, “o professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa. Os temperos fundamentais são alegria, bom humor, interação, respeito humano e disciplina” (TIBA, 2006, p. 132).

Com a mesma linha de raciocínio Vasconcellos considera que:

Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir, e de produzir e distribuir conhecimento (VASCONCELLOS, 2009, p. 15).

Este certamente é um trabalho ainda desafiador no qual a intervenção do professor nessa problemática deve partir da realização de atividades que envolvam os alunos em grupo, como projetos de pesquisa, apresentações de seminários, feiras de ciências, feiras culturais, bem como o próprio envolvimento do professor na relação pedagógica, conhecendo melhor seu aluno e suas demandas cognitivas, afetivas e experiências cotidianas. Portanto, o papel do professor é coordenar “a educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2014, p. 98). Liberdade para uma ação reflexiva e autonomia de vida do aluno.

Entretanto, torna-se fundamental um estudo sobre a teoria comportamental, como uma teoria basilar à compreensão da falta de disciplina do educando dentro do ambiente escolar. Tendo em vista que o sujeito indisciplinar (o aluno) e o ambiente escolar possuem uma forte ligação, o que implica num processo contínuo de consequência. Uma consequência que reflete principalmente sobre o comportamento, tal como, a indisciplina.

2. 4. Alguns apontamentos sobre a indisciplina com base na teoria comportamental de Skinner

Investigar o comportamento não é uma tarefa fácil, visto que trata-se de algo instável, que depende da ação e interação entre o sujeito e o ambiente, dito que o indivíduo interage com o meio, ou seja, com o mundo. O comportamento aqui é tratado como algo para além do senso comum, e diz respeito a um conjunto de fatores, estímulos e ações do indivíduo.

O indivíduo não apenas responde a estímulos, ele interage com o meio, e atua de modo a modificá-lo. Um exemplo desse tipo de comportamento pode ser notado dentro do ambiente escolar. E refere ao ensino e aprendizagem, tal como o relacionamento entre o aluno e a escola, pois estes encontram-se de certa maneira “ligados”, mas o comportamento do aluno pode ser apontado como um dos fatores que pode modificar o meio educacional, possivelmente através do comportamento de indisciplina

É por esse motivo que o presente trabalho acadêmico tem como objetivo e atenção o comportamento indisciplinar, que por alguma razão, intencional ou não, a relação do aluno com o professor e com a escola foge dos padrões ditos institucionalmente como “disciplinares”.

Diante dos desafios encontrados dentro do contexto educacional é fundamental que haja a intervenção de diversas áreas do conhecimento, na busca por amenizar e/ou solucionar algumas questões de cunho comportamental. Assim podemos destacar a Psicologia, que muito

tem contribuído com a educação por meio das suas diversas abordagens, tal como através da Análise do Comportamento e seu campo filosófico, o Behaviorismo Radical.

A análise do comportamento é a ciência que tem como fundamento o behaviorismo radical de Skinner. Dentro desse contexto, Carrara esclarece que:

O predomínio recente de abordagens ancoradas no socioconstrutivismo e no cognitivismo tem reduzido o espaço para as propostas na área da educação. A Análise Comportamental e a filosofia de ciência que lhe é subjacente, o Behaviorismo Radical, têm constituído objeto de frequentes e contundentes críticas, especialmente na área da educação. Paradoxalmente, apesar da literatura crítica, as pesquisas nessa abordagem têm crescido significativamente em todo o mundo, incluídos os principais núcleos brasileiros de pesquisa das universidades públicas (CARRARA, 2004, p. 109).

O estudo comportamental apesar de suas contribuições no campo educacional ainda é de certo modo marginalizado entre as demais ciências, e independente do número de pesquisas sobre essa temática ainda é pouca a produção de trabalhos científicos que possibilitem uma discussão acerca do comportamento e o ensino. Dessa forma, “as perspectivas que distanciam a análise do ensino de uma visão científica dificultam que os professores percebam e localizem as variáveis que interferem no desenvolvimento do saber” (LEMOS e CARVALHO, 2015, p. 331).

Para que possamos entender o comportamento do aluno no que se refere à indisciplina torna-se fundamental um breve estudo sobre o comportamento e/ou Análise Comportamental, como parte de uma perspectiva filosófica da Psicologia.

A princípio damos destaque ao nome de John Broadus Watson (1878 -1958), que através de seus estudos e pesquisas se destacou no início do século XX, com a teoria Behaviorista. Esse destaque deu-se através da publicação do artigo “Psicologia: como o behaviorista a vê”, onde Watson discute e questiona pontos relevantes sobre o comportamento (WATSON, 2008).

Watson atribuiu uma variedade de nomenclaturas ao estudo do comportamento, tais como Behaviorismo, Análise Experimental do Comportamento, Comportamentalismo, Teoria Comportamental e Análise do Comportamento. Essa variedade de nomenclaturas não interferiu no desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre o comportamento, no decorrer dos anos.

Para Watson o behaviorismo é algo bem mais complexo do que possamos imaginar. Trata-se de um estudo do comportamento e da ação entre o sujeito e o ambiente, ou seja, “não se entende o comportamento como uma ação isolada de um sujeito, mas, sim, como uma

interação entre aquilo que o sujeito faz e o ambiente onde o seu “fazer” acontece” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA; 2008, p. 58). Esse pensamento mostra que há uma interação entre o ambiente e sujeito, e ao mesmo tempo em que o indivíduo age sobre o meio o meio age sobre ele, numa troca dinâmica.

Watson quebrou barreiras mediante a análise do comportamento, rompendo com o método de introspecção, que nada mais era do que uma autoanálise em que os cientistas realizavam em laboratório, onde as observações comportamentais eram transcritas e analisadas. Ele por sua vez, fez uma série de crítica ao funcionalismo e ao estruturalismo, chegou a afirmar que “os fatos da consciência não podiam ser testados e reproduzidos por todos os observadores treinados, pois dependiam das impressões e idiossincrasias de cada pessoa” (DAVIDOFF, 1983, p. 12). Segundo Watson a introspecção consistia num obstáculo para o progresso da análise comportamental, e por isso enfatizava que o campo empírico e experimental consistia como um meio de análise do comportamento.

Com passar dos anos o método de introspecção foi deixado de lado, dando lugar a experimentação. De acordo com os apontamentos teóricos de Davidoff (1983) as primeiras teses defendidas pelos behavioristas eram as seguintes:

1. Os psicólogos deveriam estudar os eventos ambientais (estímulos) e o comportamento observável (resposta).
2. A experiência é uma influência mais importante no comportamento, nas aptidões e nos traços do que a hereditariedade. Por essa razão, a aprendizagem é um tópico de significado especial para a investigação.
3. A introspecção deve ser abandonada em benefício de métodos objetivos (ou seja, experimentação, observação e testes).
4. Os psicólogos devem visar à descrição, explicação, predição e controle do comportamento. Devem também empreender tarefas práticas, tais como aconselhamento de pais, legisladores, educadores e homens (...) (DAVIDOFF, 1983, p. 13).

Em um momento posterior a Watson, o nome de maior destaque no estudo sobre o behaviorismo foi Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), que teve a ousadia de nomear sua teoria de “Behaviorismo Radical”.

Em meados do século XX Skinner foi um dos principais teóricos a desenvolver pesquisas dentro do campo da psicologia, principalmente referente ao estudo do comportamento (*behavior*). O behaviorismo vem do termo inglês *behavior* que significa comportamento, trata-se de um estudo complexo, que investiga a interação entre um indivíduo e o ambiente e a forma como essa interação acontece. Dentro da teoria behaviorista o indivíduo interage com o meio de modo a modificá-lo, assim, trata-se de estudo que pode possuir muitas possibilidades já que o comportamento não é algo simplesmente passivo.

O Behaviorismo Radical de Skinner funciona como peça de intervenção na educação, pois através dele podemos compreender de certo modo o que ocorre dentro do ambiente escolar, e respectivamente quais são os mecanismos utilizados pelo professor durante o processo de ensino e aprendizagem.

Dentro da perspectiva teórica de Skinner encontram-se diversas abordagens voltadas ao comportamento, e que respectivamente estão ligadas ao ensino e a aprendizagem, tais como, resposta-estímulo, reforço positivo e negativo, punição, entre outras. É através destas abordagens que partiremos para alguns pontos relevantes sobre a análise do comportamento (Behaviorismo).

Na prática, podemos dizer que quando nos propusermos a investigar o comportamento indisciplinar do aluno, propomos, sobretudo, um estudo das interações entre o aluno e a escola. Tendo em vista que o mediador deste levantamento será o professor.

2.4.1 Uma reflexão acerca do Behaviorismo: o comportamento humano

A escola, e em especial os professores tem enfrentado o desafio de superar “situações-problema” tal como o comportamento inadequado e indisciplinar do aluno dentro da sala de aula, e para amenizar essa situação a Psicologia serve como mecanismo de intervenção, onde através de uma abordagem de cunho comportamental, e respectivamente através dos apontamentos teóricos de Skinner com o behaviorismo, é possível compreender os comportamentos que acontecem na escola, especificamente na sala de aula.

Santos, afirma que o Behaviorismo “pode ser definido como uma abordagem que estuda e analisa o comportamento” (2015, p. 10). A autora esclarece ainda que é possível perceber o comportamento como uma relação que acontece entre o indivíduo e outros, e também com o meio, cabendo ao behaviorismo investigar, como ocorre essa relação.

A teoria comportamental nos últimos anos tem contribuído significativamente com a educação, tendo como foco o processo de ensino aprendizagem. Esses encontram de certa maneira “ligados”, já que no meio escolar não há como falar de um sem mencionar o outro, por esse motivo há necessidade de novos mecanismos teóricos de intervenção, tais como a psicologia e sua filosofia behaviorista.

Dentro desta perspectiva teórica, cabe ressaltar que a psicologia conquistou lugar no meio educacional pelo motivo de transitar entre uma série assuntos. Davidoff relata que o campo de investigação do psicólogo inclui desde: “o desenvolvimento, as bases fisiológicas do comportamento, a aprendizagem, a percepção, a consciência, a inteligência, a

personalidade, o ajustamento, o comportamento social” (DAVIDOFF, 1983, p. 2). O que torna possível contemplar assuntos de cunho biológico e social, ou seja, trata-se de um amplo estudo. Um estudo que “contempla” o homem e consequentemente o comportamento, que é investigado em seus diversos aspectos.

O homem de acordo com teoria comportamental possui características comportamentais previsíveis, e que podem ser possivelmente controladas. O termo “previsão” pode ser interpretado deliberadamente de diferentes formas, essas por sua vez não estão remetidas ao senso comum, ou seja, trata-se de uma discussão que busca identificar quais são os fatores que induzem o indivíduo a se comportar de uma determinada maneira (LEMONS; CARVALHO, 2015, p. 331).

No que se refere ao comportamento é possível dizer que em algum momento da vida uma pessoa já agiu de uma maneira previsível e/ou premeditada. Podemos citar três exemplos desse tipo de comportamento: uma pessoa quando percebe que o céu está nublado, pode imaginar hipoteticamente que se aproxima uma chuva; a mãe que ao observar os hábitos alimentares do filho, pode reconhecer quais são os alimentos prediletos dele; numa partida de futebol, é possível que a torcida identifique através do passe de um jogador a finalização com um gol.

Essa maneira previsível dá-se por causa da frequência, da regularidade e da uniformidade que o indivíduo executa ou se comporta, dentro de uma lógica de cunho social e também numa perspectiva de mundo. Onde, a probabilidade ou não de um determinado comportamento voltar a ocorrer, dependerá da influência de um determinado fator.

Chaves e Galvão esclarecem que dentro da perspectiva teórica de Skinner a base para uma compreensão do comportamento humano se dar a partir da seleção natural, cujo foco é “seleção dos comportamentos pelas consequências” (CHAVES; GALVÃO, 2005, p. 309). Nesse sentido, Carrara esclarece que:

Diante de condições ambientais específicas (contexto antecedente), as consequências para um certo conjunto de respostas selecionadas é que são responsáveis pelo aumento ou redução da probabilidade de ocorrência de respostas similares num futuro em que condições ambientais semelhantes estejam presentes. Fora de dúvida, naturalmente, está o fato de que adquirem probabilidade maior ocorrência aquelas respostas com maior semelhança em relação à originalmente reforçada. Daí a ideia de classe de respostas, em que estas, produzindo na história do indivíduo consequência equivalentes, são mais prováveis, mesmo que apresentem dimensões morfológicas diferentes (CARRARA, 2004, p. 111).

Carrara (2004) entende que para Skinner as relações entre o indivíduo e o ambiente são controladas por consequência que ocorrem no dia a dia, tanto no que diz respeito à

ontogênese quanto na filogênese, uma vez que o processo de evolução é mais bem compreendido através da lei darwinista.

Imerso nessa perspectiva, para que possamos compreender a teoria comportamental behaviorista de Skinner, é necessário considerar o homem em três aspectos, tais como, “o homem enquanto espécie, filogênese; enquanto indivíduo, a ontogênese; e a história cultural, ou comportamento social” (BRITTO, 2013, p. 13). Para essa autora, o comportamento do homem é consequência de suas experiências, de uma maneira dinâmica e ativa. O homem age sobre o meio e interage de uma forma dinâmica, podendo lhe induzir a se comportar de uma determinada maneira. Assim o comportamento é analisado a partir da interação entre o meio e o indivíduo numa perspectiva ampla.

A filogênese faz parte dos apontamentos conceituais de Darwin, que se dedicou um estudo sobre os seres num processo de seleção natural. Esse processo coloca em evidência as características e semelhanças evolutivas entre as espécies, cada uma apresenta um comportamento único, ou seja, sem uma experiência anterior, nomeado de comportamento inato. E apesar desse tipo de comportamento não ser apreendido, “eles são emitidos provavelmente em condições ambientes similares ao que o selecionaram ao logo da evolução, aumentando sua chance de sobrevivência” (LE MOS e CARVALHO, 2015, p. 333).

O segundo nível, nomeado de ontogênese, diz respeito ao processo evolutivo dos seres vertebrados, trata-se do período embrionário até o pós-embrionário, do ovo à fase adulta. É a fase que o indivíduo desenvolve mecanismos de aprendizagens como uma consequência das suas ações sobre o ambiente, sendo o processo evolutivo que nos torna indivíduos únicos, diferentes um dos outros.

O terceiro nível refere-se à cultura social, e encontra-se diretamente relacionado ao comportamento, o que possibilita ao indivíduo desenvolver práticas sociais e a interagir num determinado meio. Na etapa de seleção a interação beneficia a evolução e a aprendizagem.

Portanto, podemos analisar que os níveis de seleção, de certa maneira, contextualizam o comportamento do homem num determinado meio, onde a atitude do indivíduo pode ser consequências de experiências adquiridas ao longo da vida. Entretanto, não significa que as atitudes comportamentais devam seguir “padrões” definitivos.

2.4.2 Comportamento reflexo

Ivan Petrovich Pavlov (1879-1936) realizou uma série de pesquisas especialmente sobre o comportamento, utilizando de experimentos com animais e seres humanos (um bebê)

para fundamentar sua teoria. Para ele o comportamento reflexo envolve respostas não produzidas (não voluntárias), tratando-se das interações entre ambiente e sujeito ou estímulo-resposta tal como, por exemplo, o piscar dos olhos na incidência de uma luz forte, o arrepio da pele em um dia com baixa temperatura, o lacrimejar dos olhos ao cortar uma cebola, o salivar na boca quando uma pessoa come uma fruta muito ácida, ou um alimento salgado, etc. A partir disso, Pavlov desenvolveu o conceito de condicionamento clássico, pelo qual a um determinado estímulo natural segue uma resposta que é reflexa, essa pode estar associada a outro estímulo neutro. Uma vez que condicionando essa resposta a um novo estímulo manifesta-se um reflexo condicionado (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Sem delongas é cabível esclarecer ainda que na teoria de Pavlov sobre o comportamento respondente ou reflexo, o indivíduo mediante a um estímulo segue uma resposta; o que difere da teoria de Skinner sobre o comportamento operante, onde o indivíduo modifica o ambiente. Skinner foi influenciado por Watson, entretanto seu método de estudo assemelha-se ao de Pavlov.

Nesse momento, voltamos nosso olhar para alguns apontamentos da teoria de Skinner, e o comportamento operante. Sendo abordado o conceito de reforço, e punição.

2.4.3 Comportamento operante

Segundo Skinner (2003, p.49), “o comportamento é uma característica primordial dos seres vivos”. Para o autor qualquer coisa que possa se mover e alterar o ambiente, pode ser considerado como um organismo vivo, e por esse motivo possui um determinado tipo de comportamento. Nesse sentido, “o comportamento pode ser entendido como uma interação entre o indivíduo e o ambiente, sendo uma unidade básica de descrição e também o ponto de partida para uma ciência do comportamento” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 46).

Para Skinner o termo operante:

(...) dá ênfase ao fato de que o comportamento opera sobre o ambiente para gerar consequências. As consequências definem as propriedades que servem de base para a definição da semelhança de respostas. O termo será usado tanto como adjetivo (comportamento operante) quanto como substantivo para designar o comportamento definido para uma determinada consequência (SKINNER, 2003, p. 71).

Sampaio (2005) relata sobre o comportamento operante, esclarecendo que:

Com este, o sentido da ação dos organismos se amplia para englobar a operação dos organismos sobre o mundo e o efeito das suas consequências sobre suas ações futuras (SAMPAIO, 2005, p. 380).

Skinner foi um dos principais estudiosos a desenvolver uma linha de pesquisa voltada para a psicologia aplicada à educação, tendo como elemento o comportamento. Para sua análise ele realizou estudos em laboratório com animais, tais como ratos e pombos, com o intuito de compreender quais são os fatores que possibilitam e/ou contribuem no comportamento humano.

Skinner criou a “caixa de Skinner”, onde colocou um rato, privando-o de algumas das “fontes” básicas para sua sobrevivência, tais como de água e alimento. Dentro da caixa o animal era condicionado a apertar uma alavanca, para somente então receber os bens de subsistência. Assim, Skinner considerou que o ato de apertar a alavanca diz respeito ao comportamento, enquanto que o fato de receber comida é chamado de reforço, se o animal acionasse novamente e voluntariamente a alavanca, ele teria aprendido como obter os itens para sua sobrevivência, ou seja, trata-se de um condicionamento operante.

O que diz respeito ao comportamento operante está relacionado ao processo de aprendizagem, os autores Bock, Furtado e Teixeira ressaltam que:

Nesse caso de comportamento operante, o que propicia a aprendizagem dos comportamentos é a ação do organismo sobre o meio e o efeito dela resultante – a satisfação de alguma necessidade, ou seja, a aprendizagem está na relação entre uma ação e seu efeito (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 49).

Cabe esclarecer que o conceito de Skinner se difere do conceito de Pavlov, pois no condicionamento operante, a cada resposta emitida o indivíduo recebe um “prêmio” até que o comportamento fique condicionado (aprendido). Diferente do reflexo condicionado de Pavlov no qual a resposta a um estímulo acontece de uma maneira casual e externa.

Santos (2015) enfatiza que:

No comportamento respondente (Pavlov), a um estímulo segue-se uma resposta, no comportamento operante (Skinner), o ambiente é modificado e produz consequências que agem de novo sobre ele, alterando a probabilidade de que ocorra novamente da mesma maneira (SANTOS, 2015, p. 16).

Diante desses esclarecimentos anteriormente observa-se que o conceito central do condicionamento operante é o reforço, esse consiste em qualquer estímulo ou evento que possa aumentar a probabilidade da ocorrência de um comportamento (NUNES; SILVEIRA, 2009, p. 37).

O condicionamento operante está diretamente relacionado ao processo de aprendizagem, através do reforço. Um exemplo disso, quando um professor apresenta para uma criança diferentes palavras, essas com diferentes níveis de leitura (fácil e difícil), com o objetivo de desenvolver a aprendizagem. Sendo que cada vez que a criança conseguir ler ou pronunciar uma palavra corretamente, o professor soma um “ponto” na média como prêmio, nesse caso o fato de receber algo como prêmio por ter emitido um comportamento, é chamado de reforço positivo. E respectivamente se a criança errar a pronuncia de uma das palavras, não emitindo o comportamento desejado pelo professor, esse eventualmente lhe retira o prêmio, conquistado noutro momento, essa atitude é chamada de reforço negativo.

Nesse caso o condicionamento operante tem como objetivo despertar no indivíduo um novo repertório comportamental, através do reforço positivo ou negativo (dar e tirar ponto ou nota, como no exemplo mencionado anteriormente), permitindo que o comportamento da leitura possa passar a ser um comportamento natural. Assim, “no condicionamento operante “fortalecemos” um operante, no sentido de tornar a resposta mais provável ou, de fato, frequente” (SKINER, 2003, p. 72).

Dentro desse contexto é possível dizer que os professores utilizam de mecanismos de reforço dentro da sala de aula para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, e de certa maneira conter algum comportamento indesejado, como a indisciplina. Esse tipo de reforço será abordado com maior profundidade no item a seguir. Sendo importante ressaltar, que a peça chave do condicionamento operante é o reforço, esse pode ser positivo ou negativo, e diz respeito a qualquer estímulo que aumente a probabilidade de um comportamento acontecer.

2.4.4 O Reforço

Bock, Teixeira e Furtado afirmam que o reforço é “toda consequência que, seguindo uma resposta, altera a probabilidade futura de ocorrência dessa resposta” (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2008, p. 50).

Seguindo a mesma linha de raciocínio para definir o que é reforço, Santos (2015) esclarece:

O condicionamento operante é um mecanismo de aprendizagem de um novo comportamento – um processo que Skinner chamou de modelagem. O instrumento substancial da modelagem é o reforço. Um reforço é qualquer coisa que fortaleça a resposta desejada (SANTOS, 2015, p.20).

O “reforço” diz respeito a qualquer coisa que fortaleça uma resposta esperada, assim, podemos citar, por exemplo: quando uma pessoa quer entrar numa faculdade, deve buscar como mecanismo reforçador o estudo, a dedicação, a disciplina, entre outros fatores que possibilitem o ingresso numa instituição de nível superior. Dentro desse contexto, também podemos citar uma pessoa que tem como objetivo alcançar uma formação acadêmica numa determinada área de conhecimento (Sociologia), ela deve interessar-se pela leitura de artigos, revistas, teses, entre outros elementos, para que possa concluir o curso e consequentemente obter o diploma. Com isso, quando um determinado mecanismo aumenta a probabilidade de um condicionamento é porque se trata de um elemento reforçador. Mas, tudo depende do interesse que o reforço pode provocar ou não no indivíduo.

Skinner entende que existem dois tipos de reforço – um positivo e outro negativo. Dessa maneira:

Os eventos que se verifica serem reforçadores são de dois tipos. Alguns reforços consistem na apresentação de estímulos, no acréscimo de alguma coisa, por exemplo, alimento, água, ou contato sexual – à situação. Estes são denominados reforço positivo. Outros constituem na remoção de alguma coisa – por exemplo, de muito barulho, de uma luz muito brilhante, de calor ou de frio extremo, ou de um choque elétrico – da situação. Estes denominamos reforços negativos (SKINNER, 2003, p. 81).

Numa visão geral o reforço se caracteriza por meio da apresentação de um estímulo. O reforço positivo é quando há o acréscimo de alguma coisa (também diz respeito de qualquer elemento) – fortalecendo uma determinada consequência, enquanto que no reforço negativo tem-se a retirada de uma determinada coisa, evitando uma consequência não desejada.

Usando o processo de aprendizagem, pode-se dizer, por exemplo, quando uma criança tira boas notas na escola e consegue passar de ano (comportamento operante), essa atitude pode lhe trazer consequências, os pais podem recompensar esse comportamento com um prêmio, considerando como um reforço. Portanto, o comportamento da criança, nesse caso que é tirar boas notas será condicionado em função do prêmio que ela recebeu. Em outras palavras, o indivíduo emitiu uma ação desejada pelos pais e recebeu uma gratificação por isso – uma consequência, essa é um incentivo para que a criança continue a ter esforço e dedicação nos estudos, para que possa continuar a receber bonificações. Nesse caso, trata-se de um reforço positivo, onde a criança emitiu uma ação, um bom comportamento e por isso recebeu uma gratificação pela ação cometida. É possível dizer que essa ação tende a se repetir porque a criança quer continuar a ganhar alguma coisa.

Em contrapartida, podemos citar como exemplo os pais que desejam que o filho tire boas notas na escola, já que a criança vai mal nos estudos, a criança tira somente nota baixa, porque passa muitas horas do dia brincando com jogos on-line. Os pais diante desse comportamento retiram o acesso da criança ao computador. Com, o não do acesso ao aparelho tecnológico, a criança terá que se dedicar aos estudos; uma vez que ela deseja tirar boas notas e também voltar a ter o acesso aos aparelhos eletrônicos. Nesse caso, trata-se de um reforço negativo onde foi retirado um determinado objeto – um estímulo aversivo - para que pudesse aumentar a probabilidade de uma determinada consequência.

Quanto ao reforço positivo e negativo, cabe esclarecer, que tanto um quanto o outro tem como principal objetivo aumentar ou reforçar a probabilidade de um comportamento acontecer. Cabe ressaltar, que o reforço também se divide em primário, secundário e generalizado. O primeiro encontra-se diretamente associado à necessidade biológica do indivíduo, tal como: água, alimento, sexo, entre outras prioridades. Nesse caso, podemos dizer que se tratam de necessidades que podem ser saciadas. Quanto ao reforço secundário associa-se às necessidades sociais, pode acontecer num momento posterior ao reforço primário. O reforço generalizado diz respeito à atenção, estima, ao afeto, ao prestígio, ao símbolo, entre outros tipos. Skinner esclarece que:

Reforços generalizados. Um reforço condicionado será generalizado quando for emparelhado com mais de um reforço primário. O reforço generalizado é útil por não lhe ser importante à condição momentânea do organismo (SKINNER, 2003, p. 85).

Considerando que existem outros tipos de reforço, tais como: reforço contínuo - o comportamento do indivíduo é reforçado sempre que for emitido; reforço em intervalo – pode ser fixo ou ter um espaço de tempo para ser apresentado; reforço em razão – pode ser fixo e variável, depende da sequência que o comportamento poderá acontecer; e intermitente - o reforço intermitente é um reforço que não é permanente, ou seja, com intervalos, descontínuos. Esses podem possivelmente ser encontrados com facilidade no cotidiano de qualquer indivíduo.

Portanto, reforço pode ser entendido como algo que se encontra ligado ao dito ato de reforçar, aumentando a probabilidade de uma resposta voltar acontecer. O reforço pode acontecer a curto e em longo prazo, dependendo das circunstâncias do indivíduo, e da sequência da consequência desejada. Pois, dentro de uma perspectiva de homem enquanto ser, “somos reforçadores automaticamente, independente de qualquer privação particular,

quando controlamos o mundo físico com sucesso” (SKINNER, 2003, p. 86). Assim, qualquer comportamento pode ser reforçado, mas cabe ressaltar que nem sempre o reforço é o mesmo, ou seja, o reforço de um, pode não ser o mesmo para outro.

No próximo item será tratado outro tipo de consequência que se encontra relacionada ao comportamento operante, a punição.

2.4.5 A Punição

De acordo com Skinner:

A técnica de controle mais comum da vida moderna é a punição. [...] A longo prazo, a punição, ao contrário do reforço, funciona com desvantagem tanto para o organismo punido quanto para agência punidora (sig.) Os estímulos aversivos necessários geram emoções, incluindo predisposições para fugir ou retrucar, e ansiedade perturbadoras (SKINNER, 2003, p. 199).

Para o autor a punição é uma medida de “controle” que pode atingir a diferentes esferas, como social, educacional, religiosa, familiar entre outras. Na esfera familiar, por exemplo, quando uma criança não obedece aos pais, tendo um mau comportamento, uma medida diante disso é castigá-la, ou seja, lhe punir.

Entretanto Bock, Furtado e Teixeira enfatizam que somente é possível eliminar um comportamento aversivo se a punição for extremamente intensa, pois caso contrário o ato de “punir ações leva à supressão temporária da resposta sem, contudo, alterar a motivação” (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2008, p. 52).

Há dois tipos de punição – uma positiva e outra negativa. A punição positiva “está intimamente ligada à consequência que o próprio comportamento produz e, reduz a probabilidade do mesmo voltar acontecer [...] A segunda também está relacionada à consequência, porém, trata-se da retirada de reforçadores” (BRITTO, 2013, p. 20). Diferentemente do reforço que por meio do estímulo aumenta a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer, a punição não traz um estímulo benéfico para o indivíduo.

Imerso nesse contexto, Henklain e Carmo (2013) ressaltam que:

Os analistas do comportamento identificam diversas regularidades no comportamento. A descrição dessas regularidades deu origem a um conjunto de princípios básicos de aprendizagem bastante útil no estudo e compreensão dos comportamentos humanos. Um desses princípios descreve que a consequência produzida por uma resposta pode ter, basicamente, dois efeitos sobre essa resposta: (a) fortalecimento ou (b) enfraquecimento. O efeito implica que uma dada resposta tem a sua probabilidade futura de ocorrência aumentada. Já o efeito de

enfraquecimento implica que a resposta terá menor probabilidade de ocorrer novamente no futuro. As consequências que fortalecem uma resposta são chamadas de reforçadoras. Aquelas que a enfraquecem podem ser denominadas de punitivas (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 708).

Na punição ocorre a diminuição da frequência de um comportamento. Para que possamos melhor compreender esse tipo de controle, iremos retornar a “caixa de Skinner” com o experimento com rato. No primeiro momento da experiência o rato pressionava a barra e recebia comida e quando ele sentisse fome novamente a tendência seria desse comportamento voltar a acontecer, assim, o ratinho aprendia que toda vez que pressionasse a barra ele iria receber comida, tratava-se de reforço, pois houve o fortalecimento de uma consequência. Todavia, agora quando o ratinho volta a apertar a barra ele recebe uma “paulada”, é possível que o ratinho tenha emitido um mau comportamento e por isso agora toda vez que pressiona a barra ele recebe uma punição (uma paulada), ou seja, houve o acréscimo de outro estímulo (estímulo diferente que o ratinho estava habituado) trata-se de uma punição positiva.

Noutro caso, o ratinho quebrou a barra porque ele estava “irritado” de estar naquela situação, o experimentador resolveu puni-lo e não concertou a barra, deixando o ratinho morrer de fome, assim, o mau comportamento do ratinho o privou de uma coisa boa, e consequentemente não recebeu comida. Trata-se de uma punição negativa.

Pode-se considerar que a punição é um procedimento que reduz a probabilidade de uma consequência, e por esse motivo tenha sido repensada quando a sua eficácia ou não no decorrer do estudo comportamental. “Os behavioristas, respaldados por crítica feita por Skinner e outros autores, propuseram a substituição definitivas das práticas punitivas por procedimentos de instalação de comportamentos desejados” (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2008, p. 53). Portanto, torna-se necessário uma reavaliação dos efeitos da punição, já que este mecanismo possivelmente pode gerar consequências indesejadas.

2.5 Quando o comportamento do aluno é considerado indisciplinado?

A escola possui um papel fundamental na vida do aluno. Ela representa a construção do conhecimento, a formação crítica, a formação do cidadão, a ascensão do indivíduo na sociedade. Mas, no decorrer da história da educação ela tem enfrentado um constante e grande desafio, a indisciplina do aluno. Que por hora é um fenômeno de difícil compreensão e que possivelmente fragiliza a relação entre o professor e o educando.

Na busca e a fim de nos aprofundar na discussão sobre a indisciplina, nos questionamos nesse momento do trabalho - quando o comportamento do aluno é considerado indisciplinado? É uma pergunta um tanto que desafiadora, já que por alguma razão o aluno é apontado pelos professores como o principal “personagem indisciplinar”.

O comportamento de indisciplina na maioria dos casos possui características específicas, trata-se de atos como jogar papeizinhos, não prestar atenção, não fazer as atividades, conversar durante a aula, desrespeitar o professor e os colegas com palavrões, xingamentos, difamação, além dos atos de agressão verbal, também podem acontecer casos de agressão física com indícios de violência. Esses são apenas alguns dos exemplos constantemente citados pelos professores como falta de disciplina.

Diante disso, é possível dizer que a falta de disciplina na escola afeta a rotina do ensino e da sala de aula, onde os professores sentem-se de mão atadas sem saber ao certo como lidar com o comportamento inadequado do aluno.

O mau comportamento do aluno na sala de aula é um fator de preocupação Nacional, onde é cada vez maior o índice de desrespeito e violência ao professor. Nesta questão, pesquisas apontam que o Brasil esteve nos últimos anos em primeiro lugar no ranking de indisciplina escolar.

A Prova Brasil no ano 2015 realizou nas escolas da Rede Pública de Ensino de todo o país uma pesquisa juntamente com os diretores, coordenadores, professores e alunos das séries do 5º ao 9º ano do ensino fundamental na busca por averiguar quais são as queixas e anseio desse grupo sobre a indisciplina. Os resultados da pesquisa foram divulgados no ano de 2017, sendo possível apurar que cerca de 22.692 mil docentes já sofreram alguma ameaça ou agressão por parte dos alunos. Os dados são alarmantes, e apontam que 4,714 mil professores foram vítimas de atentado a vida e 2,951 foram vítimas de roubo com atos de violência dentro do ambiente escolar.

Outro fato que chama atenção é que a falta de disciplina não se restringe apenas ao professor, mas também se estende entre os alunos. Na maioria dos casos os alunos agredem os colegas com palavrões, xingamentos, além das brigas e atos de violência. Os índices de agressão física e verbal entre os alunos são no mínimo assustadores. Dos professores questionados durante a prova Brasil 71% dos professores afirmaram já terem presenciado atos de agressão verbal e física entre os educandos.

Dos questionários aplicados foram respondidos 262.417 pelos professores, os dados são respectivamente:

84) Sobre os fatos listados abaixo, diga se eles aconteceram ou não neste ano, nesta escola: Agressão verbal ou física de alunos a outros alunos da escola.



Questionário professor Prova Brasil 2015 | Questionários aplicados: 262.417 | Questionários respondidos: 262.417 | Respostas válidas para esta questão: 262.417 | QEdu.org.br

Fonte: QEdu, 2017

Apoiada na questão indisciplinar Pereira (2009) relata que:

É corrente a compressão de que este fenômeno esteja diretamente relacionado a regras, normas e à postura adotada pelos sujeitos frente às relações constituídas nas diversas situações escolares, tanto na relação professor-aluno e aluno-aluno, quando frente às formas de organização e gestão escolares e pedagógicas, seja na sala de aula ou na escola. Tanto nos modelos de educação tradicional quanto nas versões de educação mais progressista, percebe-se essa relação intrínseca ao cumprimento e/ou estabelecimento consensuado de normas e regras de convivência e de organização, seguida do uso de sanções advindas do seu descumprimento. Portanto, regras e normas e seu cumprimento ou descumprimento são entendidas em estreita relação com a problemática da indisciplina (PEREIRA, 2009, p. 25).

Assim, é possível compreender que a falta de disciplina acontece a partir do momento em que o aluno não tem respeito pelo professor e pelo colega de classe, ou, quando ele não quer cumprir as normas da escola, não consegue se comportar de uma maneira civilizada, quando atrapalha uma aula com agitação e bagunça. O comportamento do aluno é indisciplinado quando a relação entre o professor e o aluno não têm como base o respeito, a obediência, a disciplina e a ordem. Quando o aluno não consegue controlar suas emoções seja de raiva ou rancor e agride o professor ou o colega. Portanto, é possível considerar que é problemática inquestionavelmente complicada e de difícil solução, pois é uma situação que atinge tanto ao ensino quanto a aprendizagem.

De acordo com Parrat-Dayán “a situação escolar se tornou impossível uma vez que a agressão, os insultos, as ameaças, a indisciplina são problemas cotidianos” (2016, p. 25). Assim, pode-se dizer que é uma problemática que interfere significativamente na rotina da sala de aula. É possível que esta também possa vir a interferir na prática docente e, respectivamente, possa prejudicar o processo de aprendizagem do aluno, uma vez que muitas são as queixas relatadas pelos educadores dentro do ambiente educacional.

2.6 Como a indisciplina afeta o processo de ensino e de aprendizagem

Nas últimas décadas a problemática indisciplinar tornou-se um grande desafio para as instituições de ensino uma vez que pode ser compreendida como um fenômeno escolar que ultrapassa as fronteiras socioculturais seja de etnia, credo, orientação sexual e/ou econômica (PEREIRA, 2009, p. 24). Essa questão não condiz apenas com a realidade das escolas do Brasil, mas diz respeito ao território mundial.

Uma vez que a indisciplina não se delimita à rede pública de ensino, mas também pode se manifestar dentro de escolas particulares. De acordo com os apontamentos teóricos de Aquino (1996), é possível esclarecer que:

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático; ao contrário, está relacionada a um conjunto de valores e expectativas que variam e mudam ao longo da história, nas mais diferentes culturas da sociedade. Além disso, pode ser observada em diversas classes sociais, instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social (AQUINO, 1996, apud PEREIRA, 2009, p. 31).

A indisciplina não é exclusiva de uma classe social ou de uma competência institucional. Os fatores, os atos e as maneiras indisciplinares que ocorrem dentro do ambiente escolar também não podem ser considerados como algo passível, estático e sem movimento. A indisciplina possui uma carga de comportamentos e atitudes que variam de acordo as expectativas, anseios e valores sociais de um determinado grupo de indivíduos, dentro e respectivamente de um período, esse pode ser interpretado, por ora, como o espaço escolar e o tempo de ensino e aprendizagem.

Para alguns professores o comportamento indisciplinar pode afetar de certa maneira o ensino e a aprendizagem. Nesse sentido, é possível pensar que a indisciplina afeta o processo de ensino e aprendizagem a partir do momento em que a relação entre o professor e o aluno é prejudicada pelos processos indisciplinares, tais como: a falta de disciplina pode inferir no ensino a partir do momento em que essa tira a atenção do professor durante a explicação de um determinado conteúdo didático. Ou, quando o mau comportamento do aluno “rompe” a autoridade e a competência docente.

Os professores, uma vez prejudicados pelo mau comportamento do aluno, em muitos casos se veem obrigados a pararem a aula para tentar amenizar as situações adversas dentro da sala de aula. No ensino:

(...) a indisciplina dos alunos atrapalha o desempenho do professor, pois por muitas vezes é preciso interromper a aula, desconcentrando o professor, para por ordem na sala de aula e assim seguir com a explicação do conteúdo (TAVARES, 2012, 34).

Esse intervalo que o professor tem que parar a explicação do conteúdo para amenizar a situação adversa dentro da sala de aula, como é caso dos atos de indisciplina, é por ora um tempo desperdiçado, já que em muitos os casos os professores não conseguem prosseguir o ritmo da aula novamente. Tendo em vista que o tempo de uma aula é expressivamente curto, na maioria das vezes em torno de quarenta ou cinquenta minutos.

Perante esse quadro comportamental, podemos esclarecer que:

(...) os efeitos negativos da indisciplina recaem primeiramente sobre o professor. Muitas vezes, em função do desperdício de tempo e da desordem causados pela indisciplina, a matéria fica prejudicada (ESTRELA, 1992, apud RODRIGUES, MARQUES; GOMES, 2012, p. 24).

Tanto para Estrela quanto para os demais autores citados anteriormente a relação entre o professor e o aluno fica de certo modo desestabilizada, prejudicada. Diante disso, os professores perdem o equilíbrio emocional, sentindo-se desmotivados, com pouco ou nenhuma autoestima. E, contudo, acabam em muitos casos desistindo da profissão, uma vez que a relação entre o professor e o aluno termina desgastada.

A indisciplina escolar interfere significativamente no ensino-aprendizagem o que gera desagradáveis consequências para os que nela estão envolvidos. Uma consequência da falta de disciplina dentro da sala de aula pode ser notada através do baixo rendimento do aluno em relação ao que é ensinado pelo professor. É possível que a fala ou explicação do professor não seja compreendida por causa do barulho das conversas paralelas. Pois, o barulho e os demais fatores que envolvem essa problemática, desviam de certo modo a atenção do que é ensinado. Nesse contexto, Prairat (2003) fala de um “barulho anômico”; um coral de conversas. Ou seja:

Os alunos são incapazes de se escutarem por causa das conversas cruzadas. As vozes dos alunos circulam em diferentes direções e a voz do professor integra esse circuito de linhas cruzadas. Mas, ou o professor encontra alguma forma de deter o ruído, ou a aula vira uma desordem total (PRAIRAT, 2003, apud PARRAT-DAYAN, 2016, p. 8).

Diante do barulho, da agitação e da “baderna” o desempenho do aluno pode não render tanto, quando noutros momentos. E o aprendizado apesar de ser de suma importância, é prejudicado, no qual, as causas e consequência têm-se multiplicado no decorrer dos anos.

Visto que o comportamento indisciplinar do aluno em muitos momentos pode estar relativamente ligada a algum tipo de transtorno comportamental.

2.7 Alguns distúrbios comportamentais: Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)

Agitação, inquietação, distração, reação de impulso, são alguns dos termos que podem ser citados como características de uma pessoa com distúrbio ou transtorno neurológico, Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, TDAH. Também conhecido, popularmente, como hiperatividade. Tiba (2006) relata que os:

Distúrbios neurológicos são sintomas decorrentes de epilepsia ou de outros transtornos, como o Transtorno ou Distúrbio do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH ou DDAH). Seus portadores são, tradicionalmente, inteligentes, agitados, apressados, impulsivos, com muita iniciativa e pouca “acabativa”. Acelerados, terminam antes dos outros e, como não aqueçam esperar, acabam tumultuando a aula (TIBA, 2006, p. 178).

De acordo com o autor, as pessoas que possuem algum tipo de transtorno comportam-se da mesma maneira em qualquer que seja a ocasião. Sendo fácil de identificá-los, por meio da observação. Ou seja, basta observar a atitude de uma pessoa, como ela age num determinado momento ou situação. Na maioria dos casos a criança que é portadora de TDAH não consegue se concentrar de maneira adequada, e, além disso, possui um índice alto de agitação, hiperativo. Na escola, por exemplo, o aluno que é hiperativo geralmente não consegue se concentrar, é agitado, e em alguns casos tem dificuldade na aprendizagem, entre outros aspectos comportamentais. Trata-se de uma realidade, que os professores têm que enfrentar cotidianamente.

A maioria dos educadores reclama do comportamento dos seus alunos, seja porque não conseguem ficar quietos durante a aula, seja porque não conseguem prestar atenção no que está sendo ensinado, são inúmeros os motivos das queixas. Diante dessas questões comportamentais o educador é peça-chave no diagnóstico inicial de uma criança portadora de algum tipo de distúrbio. Apesar disso, também é fundamental uma análise clínica sobre o assunto.

Um dos diagnósticos mais comuns durante a infância é do Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Estima-se que sua prevalência esteja em torno de 3 a 6 % da população (RICHTER, 2012, p. 1). Certamente um número alto, uma vez que esse, no

decorrer dos anos vem aumentando gradativamente, um motivo de preocupação para os intelectuais, especialistas e educadores.

Diante dessa situação, é também cada vez mais comum o uso de fármacos em crianças. A Ritalina é produzida pela indústria Novartis, esse medicamento é geralmente usado no tratamento dos sintomas da hiperatividade. Todavia, para alguns profissionais e especialistas ainda é motivo de estudo e análise sobre as possíveis reações colaterais que o medicamento pode provocar no indivíduo, uma vez que esse fármaco não elimina o TDAH.

Nesse sentido destaca-se que:

[...] o medicamento ameniza os sintomas durante cerca de até quatro horas após ser ingerido, podendo apresentar reações adversas como perda de apetite, cefaleia, náuseas, insônia, taquicardia, tonturas, vômitos, psicose e, em alguns casos, perda de peso e diminuição do crescimento, possivelmente em função da perda de apetite ocasionada pelo medicamento (PASTURA; MATOS, 2004, apud, CORREIA, 2014, p. 16).

Assim, é possível notar que o medicamento não age com total eficiência sobre os sintomas da hiperatividade, ele apenas ameniza as reações que o transtorno pode causar. O que podemos perceber é que o tratamento com esse tipo de fármaco pode ser de certo modo prejudicial para o organismo e para o bem-estar do indivíduo. Por esse motivo torna-se necessário que aja a intervenção de outras formas de tratamento.

Nesse contexto destacamos a importância da família e dos professores diante dos casos de crianças com hiperatividade. Uma vez que:

O contexto familiar é muito importante para uma criança com TDAH, pois os pais são a segurança que a criança precisa. O comportamento dos pais diante das crianças tem grande influência na melhora ou no agravamento das atitudes dos portadores de TDAH. É preciso, acima de tudo, ter um ambiente familiar estruturado, onde essas crianças tenham bem definidas, que ao mesmo tempo em que saibam como exigir certas atitudes, saibam também reconhecer seus esforços e para isso. É preciso, acima de tudo um ambiente acolhedor, calmo e principalmente, muito afetivo (ORJALES, 2007, apud CORREIA, 2014, p. 22).

Os professores também funcionam como uma peça-chave diante deste problema. Por meio de atitudes simples, os professores podem lidar com o aluno portador de hiperatividade, assim é fundamental:

Primeiramente conhecer o aluno sua história, descobrir se está passando por alguma situação que o leve a manifestar determinado comportamento (seja desinteresse, agressividade, rebeldia, distração). Toda essa investigação em torno do aluno procura descobrir, também, o modo através do qual esse aluno aprende, quais são as coisas que lhe despertam interesse, dentre outras estratégias empreendidas a fim de

desenvolver procedimentos pelos quais se possa “capturá-los”, prender sua atenção, fazê-los cúmplices do processo de aprendizagem (RICHTER, 2012, p. 5).

As formas de tratamento podem variar, mas é essencial a participação da família e da escola. Que numa relação mútua de cumplicidade podem amenizar os efeitos danosos do medicamento que trata o TDAH pode causar na criança. Os pais devem tomar a iniciativa de ajudá-las, procurar conversar com os filhos, incentivá-los a fazer as atividades, incentivar a concentração. Os professores devem procurar agir da mesma maneira, de modo a ajudar a criança a participar das atividades, principalmente em grupo, a ter atenção durante as aulas. Enfim, é fundamental a participação da família e dos professores.

2.8 A Dislexia

A dislexia é outro problema que os professores têm de enfrentar dentro da sala de aula. De acordo com Tiba (2006):

Não se trata somente de trocar letras ao falar e/ou ao escrever. O maior problema é a diminuição do rendimento escolar pela dificuldade que o aluno sente de entender o que está lendo. Como responder a uma pergunta que ele consegue ler, embora não entenda o que está lendo? Pode parecer má vontade, preguiça ou falta de educação, pois não entende mesmo o que lê, mas se ouvir alguém lendo para ele, é capaz de entender (TIBA, 2006, p. 179).

Os portadores de dislexia segundo o autor são pessoas inteligentes, mas que sofrem bastante na busca de métodos para enfrentá-la. Sendo importante a ajuda de profissionais especialistas para amenizar os efeitos que a dislexia pode provocar.

Trata-se de um distúrbio de linguagem, que possui como característica específica à dificuldade de interpretação ou compreensão das palavras. Um transtorno na linguagem oral e escrita.

As crianças que são portadoras desse tipo de transtorno apresentam dificuldade na aprendizagem, sendo que uma característica comum é a troca das letras. De acordo com Morais:

Os erros ou trocas de letras mais comuns apresentadas por crianças com distúrbios de aprendizagem (disgrafia/dislexia) em idade escolar ocorre especialmente com consoantes entre vogais, além dessa troca as crianças também podem ter problemas para memorizar e guardar o som das palavras, e conseqüentemente cometer erros com inversões omissão auditivas e visuais (MORAES, 2006, p.127, apud, SILVA, 2015, p.7).

Dentro da escola, em especial na sala de aula é possível que haja alunos portadores de diferentes tipos de distúrbios, dificultando a aprendizagem, por esse motivo é fundamental que o professor saiba como lidar com isso, de modo a desenvolver um trabalho de uma maneira diferenciada, através da interação entre os alunos durante as atividades didáticas. Cabendo ao professor “também compreender o social e as relações de cada sujeito” (LEMOS; CARVALHO, 2015, p. 333). Dessa maneira, o professor deve estar atento para conhecer e saber distinguir o que é indisciplina do que eventualmente é distúrbio.

Os professores também apontam outras razões que podem estar associada com a maneira inadequada com que o aluno se comporta no meio escolar. Eles citam, por exemplo, as relações familiares como sendo um motivo para a falta de disciplina da criança na escola. Cabe averiguar essa hipótese, pois, trata-se um aspecto que possivelmente pode influenciar o comportamento inadequado do aluno no ambiente escolar.

2.9 A família e a indisciplina do aluno na escola

A instituição familiar possivelmente exerce forte influência na vida do indivíduo. A maneira que os pais conduzem a criação ou a educação dos filhos pode influenciar de certa forma na atitude comportamental da criança dentro do ambiente escolar.

É durante os primeiros anos de vida da criança, que os pais podem lhe mostrar os caminhos e regras favoráveis para uma disciplina a ser seguida. Essas, funcionam como um meio para desenvolver a liberdade e a obediência dos filhos.

Nesse contexto Rappaport (2006) esclarece:

(...) que durante a infância, os pais representam as figuras centrais da afetividade, são protetores, sabem encontrar soluções para as dificuldades, têm o poder de tomar decisões sobre a vida dos filhos. A partir dessas relações com os pais, a criança vai desenvolver um sentimento de identidade, vai aprender a se conhecer. Formará uma ideia de si, da sua aparência, das dimensões de seus movimentos corporais, de suas características psicológicas, seus desejos, suas capacidades e limitações (RAPPAPORT, 2006 apud PEREIRA, 2009, p. 36).

Como vimos, a família pode representar a base da formação dos conceitos, da atitude e identidade da criança. Para a autora essa base é construída a partir das atitudes vivenciadas durante a infância. E o conteúdo, por exemplo, de um diálogo, através de palavras de amor, de afeto, de carinho podem ficar marcada na memória da criança. Uma vez que, por meio de uma ação contrária a essas, como a rispidez, agressão, o mal-estar pode gerar um comportamento

ou atitude indisciplinar. Considerada, em muitos casos como falta de limite, desobediência ou agressividade.

A estrutura familiar pode gerar uma série de problemas, que possivelmente refletem no ambiente escolar. Cada família possui uma estrutura ou organização preestabelecida, isso determina a maneira como cada membro interage entre si e com as demais pessoas, ou instituições sociais.

Assim:

Cada família, como todo sistema, possui uma estrutura determinada, que se organiza a partir das demandas, das relações estabelecidas e comunicações que ocorrem em seu interior e com o exterior. Esta estrutura forma-se a partir das normas específicas de cada família, que dão suporte ao modo e com quem deve relacionar-se cada um dos membros. Até hoje a família transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança (SOUZA, 2009, p. 25).

Para a autora a família está inserida dentro de um contexto social amplo, que de certa forma trata-se de uma cultura inserida noutra bem mais extensa e complexa, onde pode agir ou reagir à determinada situação. Num processo social é possível tomar como membros os pais, os irmãos, os colegas, os professores, e até mesmo os meios de comunicação (NEWCOMBE, 1999 apud PEREIRA, 2009). Por esse motivo, a família não consegue transmitir todos os valores sociais a criança. Sendo uma razão para os pais transferirem a responsabilidade e o dever que lhe diz respeito sobre a criança para a escola. No decorrer dos tempos à escola e a família têm mantido certa distância uma da outra, apesar de terem que manter certa relação, seja institucional ou particular (família, professor).

Sobre esse assunto Aquino (1996) esclarece que:

A tarefa de educar não é de responsabilidade da escola, é tarefa da família, que ao educador cabe repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda aponta que a solução pode estar na forma da relação entre professor e aluno, ou seja, a forma que suas relações e vínculos se estabelecem aponta também que a solução pode estar no desenvolvimento do resgate da moralidade discente através da relação com o conhecimento e que esse conhecimento deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade (AQUINO, 1996, p. 98 apud MAGALHÃES, 2015, p. 18).

Pode-se compreender então, que apesar da escola e da família tratarem-se de um sistema e/ou instituição distinta, cabe a escola na figura do professor o papel de ensinar, transmitir conhecimento, enquanto que aos pais cabe o de educar, transmitir valores e deveres. Para que assim não haja a sobrecarga ou acúmulo de função. O mais importante diante desse contexto é que tanto a escola quanto família possam caminhar unidas na busca de resgatar e

construir mecanismos de intervenção educacional frente a indisciplina, formando crianças educadas.

2.10 O olhar do professor sobre a indisciplina

Apesar de não se tratar de uma temática nova, a questão da indisciplina carece de atenção, ou seja, um caráter investigativo sobre sua faceta escolar, até mesmo porque este assunto é motivo de preocupação para os professores, tendo em vista que não se trata de um fenômeno estático, ou passível. A questão da indisciplina será abordada neste momento a partir da concepção docente.

Os professores na maioria dos casos são os que mais levantam queixas sobre o mau comportamento, dito como os atos indisciplinados dos alunos dentro da sala de aula. Além disso, os professores sentem-se frustrados por terem que lidar cotidianamente com a falta de respeito, não sabendo ao certo quais medidas tomarem, de uma forma adequada, diante de determinadas situações. Desse modo, alguns alegam não saber exatamente como enfrentar o problema indisciplinar do aluno.

Assim, “do ponto de vista do professor, esse é um aspecto delicado, por mexer, entre outras coisas, com sua autoimagem: a indisciplina é associada, com frequência, ao fracasso profissional” (VASCONCELLOS, 2009, p. 55). A questão que envolve o medo da frustração da carreira docente está diretamente ligada a falta ou pouca habilidade docente em enfrentar a indisciplina. Mas, essa é uma problemática que a grande maioria do corpo escolar e docente tem que encarar diariamente.

Os docentes encaram o problema de uma maneira individualista, a grande maioria tem certa dificuldade de compartilhar com os demais colegas de profissão as aflições e situações conflituosas que ocorrem dentro da sala de aula. Essa postura pode estar relacionada ao cuidado ou zelo pela imagem profissional.

Dentro desse campo investigativo, Vasconcellos (2009) ressalta que:

Os docentes têm dificuldades de partilhar com os colegas suas experiências e inquietações relacionadas à indisciplina. Essa atitude talvez nos informe sobre o cuidado dos professores com sua imagem profissional e isso acontece quando os professores assumem que a indisciplina em sala de aula é de sua competência profissional. Assim, haveria certa reserva em compartilhar suas dificuldades e suas angústias, e buscar, por meio da reflexão coletiva, alternativas possíveis para lidar com os problemas de indisciplina (Ibidem, 2009, p. 68).

Noutra perspectiva, Pereira (2009) esclarece que a indisciplina pode ocorrer dentro da sala de aula, tanto com os profissionais menos experientes quanto com aqueles com um maior tempo de profissão. Para a autora os professores não se sentem preparados para enfrentar as situações de indisciplina dos alunos.

Nesse impasse, entre a profissão docente e o comportamento inadequado do aluno, muitas são as definições e características apontadas pelo corpo docente sobre a problemática.

De uma maneira geral os professores apontam a desobediência, a rebeldia, a falta de limites, a falta de atenção, as conversas paralelas, os xingamentos, os atos de assédio, a bagunça, a violência entre os fatores que podem encontrar-se relacionada à falta de disciplina do educando. Trata-se de comportamentos que fogem em muitos casos do controle e da autoridade do professor.

Além disso, é possível esclarecer que o comportamento indisciplinar se expandiu em termo de gênero. Antes era uma atitude ou comportamento praticado e associado aos meninos, só que as meninas não deixaram a desejar, e também comportam-se de uma maneira semelhante ao sexo oposto (VASCONCELLOS, 2009, p. 56). Outro fator, a indisciplina escolar não tem uma faixa etária ou nível educacional definido, pode partir de crianças, jovens, das séries iniciais, até o nível superior, cabe esclarecer que o último não será aprofundado nesta discussão.

Nas próximas seções voltaremos nossos olhos para a indisciplina, e como a formação docente pode ser significativa como mecanismo de intervenção do comportamento inadequado do aluno. Como os professores lidam com a indisciplina.

2.11 A formação docente e o desafio da profissão

O cenário educacional é palco de um grande desafio, uma vez que a indisciplina é um motivo de preocupação para os professores em geral. Na formação inicial pouco ou quase nada é esclarecido sobre o comportamento inadequado do aluno dentro da sala de aula.

Silva aponta que:

É fato que a escola atual vive uma profunda crise. E que a formação dos professores não os contemplou com competências teóricas ou práticas específicas para a vivência de situações de indisciplina (...) (SILVA; FERREIRA; GALERA, 2008, p. 667).

Nesse contexto, é preciso considerar que durante a formação acadêmica os futuros professores têm um tempo que deve ser dedicado aos estudos teóricos e, num momento

paralelo ou posterior, as atividades de estágio, que se caracteriza como uma parte prática da graduação. Entretanto, o mesmo não contempla um espaço suficiente de tempo para que os professores possam compreender todas as situações adversas que podem ocorrer dentro de uma sala de aula. A prática nos estágios é delimitada a um curto período de tempo, que na maioria dos casos dura noventa horas, onde os graduandos têm que aplicar de uma maneira supostamente “inexperiente” seus conhecimentos.

Noutra perspectiva, o fato do futuro professor não dispor de um longo período para a realização do estágio, componente obrigatório, não significa dizer e/ou pensar que ele não tenha se deparado em algum momento durante a formação com os problemas do cotidiano da sala de aula, tal como as situações adversas e comportamentais dos alunos, como por exemplo, a indisciplina. Entretanto, esse contato inicial com a realidade escolar, não pode ser entendido como se o professor já disponha de fundamentos teóricos e práticos suficiente para enfrentar a indisciplina.

Tardif (2002) esclarece que os cursos de formação docente não consideram as vivências e experiências do professor, é limitada na grande maioria dos casos apenas a transmissão de conhecimento.

A formação docente não considera a vivência dos professores e se limita, na sua maior parte do tempo, à transmissão de conhecimento. Os futuros professores passam alguns anos “assistindo aulas”. Depois ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicar” esses conhecimentos (TARDIF, 2002, apud PEREIRA, 2009, p. 72).

Essa lacuna inicial na formação, que distancia a teoria e a prática exige do professor como profissional o aprimoramento da agilidade e também da habilidade frente às situações adversas dentro da sala de aula, tal como o empecilho indisciplinar.

Todos podem estar sujeitos a presenciar situações de indisciplina. A indisciplina pode se manifestar na sala de aula com professores mais experientes quanto com aqueles com menor tempo de profissão. Por esse motivo é preciso repensar algumas fundamentações da formação acadêmica, já que esta é um dos elementos base o para exercício do ensino.

Assim, tornar-se professor é algo complexo, que exige um processo contínuo de aprimoramento do aprendizado, da autoafirmação e da reelaboração dos conhecimentos iniciais, dito da formação acadêmica, já que esses estarão na maior parte do tempo confrontando-se com a prática, ou seja, com o ato de lecionar.

É possível pensar que:

A constituição docente é entendida como um processo dinâmico que não se esgota por ocasião de uma formação acadêmica inicial, mas é resultado do entrecruzamento de diversas dimensões tais como a formação continuada, a experiência pessoal, os valores e crenças, (...), as concepções sobre a profissão, entre outros (PEREIRA, 2009, p. 67).

O professor não deve se satisfazer apenas com os conhecimentos adquiridos durante a formação inicial, este tem que buscar de novos mecanismos que possa aprimorar cada vez mais seu arcabouço de ensino, sendo fundamental que o mesmo possa contemplar não apenas a teoria, mas também uma carga de experiência, valores, costumes, de modo que possa, sobretudo, não apenas saber do método, mas que seja capaz de desenvolver uma postura reflexiva para lidar com as situações adversas e indisciplinadas dentro da sala de aula.

Nesse sentido, cabe ao professor não agir de uma forma mecânica frente aos problemas adversos e indisciplinados que podem ocorrer dentro da sala de aula, mas seja capaz de desenvolver um modelo prático e reflexivo de ensino. De modo, a torna-se um professor competente e reflexivo, “com um papel ativo na formulação dos objetivos e meios de seu próprio trabalho, desenvolvendo uma capacidade reflexiva sobre as situações problemáticas concretas vivenciadas na própria prática, superando assim, a relação linear e mecânica entre o conhecimento científico e a prática de sala de aula” (Ibidem, p. 70). Isso mostra apenas a necessidade da constante reformulação e reelaboração do conhecimento docente.

2.12 Como os professores lidam com a indisciplina

O problema indisciplinar é uma situação que ocorre com frequência na escola e na sala de aula, sendo motivo de preocupação para os professores, que na grande maioria não foram devidamente instruídos durante a graduação sobre quais medidas tomar frente a essa problemática. Assim, eles não sabem exatamente como prevenir, enfrentar ou reprimir a indisciplina dentro do ambiente de ensino.

Em função da trajetória da carreira docente, como a formação, remuneração, jornada de trabalho, condição trabalhista, prestígio social, também em função dos questionamentos que envolvem a escola, quanto a sua validade, quanto à definição ou não do seu papel social, é possível dizer que o professor é o mais sensibilizado frente ao questionamento ou problemática do comportamento indisciplinar, pois não sabe ao certo o que fazer.

De acordo com Vasconcellos (2010), as indagações mais comuns entre os docentes são:

Será que com mais rigidez conseguiremos uma disciplina melhor? Como ‘reprimir’ ações não aceitáveis sem que haja crise entre professor $\times$ aluno? O que é mesmo disciplina? Como disciplinar sem causar conflitos? Como tratar os casos de indisciplina? O castigo é um trauma?”. “Às vezes tenho que recorrer ao tradicional” (referindo-se, por exemplo, à necessidade de estabelecer alguns limites). “Não gosto de ser autoritária para conseguir disciplina. A maioria das vezes com determinados (poucos) alunos é preciso ser autoritária”. “É uma questão de pulso. Sou ‘mandona’, mas também sou carinhosa”. “O fato de se trabalhar de forma crítica e criativa faz com que os alunos se sintam perdidos por não existirem limites rígidos (VASCONCELLOS, 2010, p. 33).

Os questionamentos acima nos esclarecem sobre a dificuldade docente em lidar com o aluno indisciplinado dentro da sala de aula. Uma realidade que tem feito os professores tomarem diferentes atitudes e posturas. Geralmente os professores tomam a postura de liberais, autoritários, conformados, comprometidos, bem resolvidos, acusadores, desesperados, em vias de desistir (Ibidem, 2010, p. 34).

Tais atitudes são tomadas a partir da realidade que é vivenciada dentro da sala de aula. Diante da indisciplina do aluno o que importa para o docente é tentar impor a disciplina a qualquer custo, e por isso cada um toma à medida que melhor lhe convém. Isso pode ser somado a partir dos anos de experiência ou não de cada docente.

É difícil para o professor ter que lidar com os problemas indisciplinados.

Expor o docente ao enfretamento da violência ou da indisciplina escolar sem um conhecimento prévio de como ela se constrói, se propaga e quais os métodos mais adequados para seu combate e prevenção, é entregar o professor à própria sorte. Essa situação deixa margens para que ele tome decisões pessoais de maneira intuitiva e improvisada e que podem ser baseadas no senso comum, na sua própria vivência escolar, na sua experiência familiar. Atitudes como conter, punir, acusar, censurar, ameaçar, excluir ou mesmo ignorar, intervir diretamente, chamar a Direção ou a Orientação escolar, procurar a família, tentar diálogo são frequentes entre os professores, sem saber quais argumentos as fundamentam (PINGOELLO; Horiguela, 2008 apud PEREIRA, 2009, p. 68).

Nesse quadro, é possível notar que as atitudes ou postura adotada pelo professor podem alcançar êxito ou não, mas é preciso ter-se em mente que a relação do professor com o aluno é algo que se modifica cotidianamente. E por isso, o professor deve buscar superar os desafios disciplinares por meio de uma atitude reflexiva sobre o próprio ato pedagógico. Buscando conhecer o aluno através da sua demanda comportamental e cognitiva, de modo a coordenar uma prática de ensino reflexivo-crítico, a favor da construção do conhecimento e da formação do caráter e da disciplina.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para a construção deste trabalho acadêmico buscou-se compreender o comportamento indisciplinar do aluno a partir da concepção docente. Apesar de não ser um tema novo, este carece de atenção, ou seja, de um caráter investigativo de pesquisa, pois tem sido motivo de preocupação para a grande maioria dos professores.

Procuramos entender a indisciplina a partir do olhar docente verificando como esta interfere no processo de ensino-aprendizagem. Quais são as atitudes e comportamentos do aluno que os professores interpretam como indisciplinar.

Nesse contexto, justifica-se o interesse por realizar uma pesquisa sobre a indisciplina, como parte das minhas inquietações, essas surgiram por meio das observações na sala de aula durante o meu período de estágio supervisionado, como um componente obrigatório da grade curricular acadêmica, nesse período pude acompanhar de perto as dificuldades que o professor enfrenta cotidianamente dentro do ambiente escolar. E também pela repercussão do tema entre os meios de comunicação como um fator que atinge o professor, seja, por meio do comportamento inadequado do aluno, através da falta de limite, desobediência, desordem, entre outras maneiras comportamentais que fogem ou infringem à autoridade docente.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a princípio foi feito um breve levantamento bibliográfico, com o intuito de aprimorar o conhecimento sobre o conceito do tema, em um momento posterior foi realizada uma pesquisa de campo. Essa, “se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (CRUZ NETO, 1994, p. 51). Através desse tipo de investigação é possível fazer uma articulação entre a teoria e os dados empíricos, de modo, analisar o objeto com maior veracidade dos fatos.

A metodologia escolhida para conduzir essa investigação foi através da pesquisa qualitativa, com dados empíricos, por meio de observação e entrevista. Para tanto, nos apoiamos no seguinte pressuposto teórico Lüdke e André (1986), Neves (1996) Gil (2002), entre outros autores que também desenvolvem estudos a partir desse parâmetro investigativo.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo obter dados empíricos por meio do contato direto entre o pesquisador e o objeto de estudo. Assim, o pesquisador desenvolve um papel de suma importância, pois cabe a ele procurar entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos participantes e a partir daí situar sua interpretação sobre os fenômenos estudados (NEVES, 1996, p. 1).

Nessa linha de raciocínio Demo (1998) esclarece que a pesquisa qualitativa significa “o esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa”. Para o autor “trata-se de uma consciência crítica da propensão formalizada da ciência, sabendo indagar suas virtudes e vazios [...], uma pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade” (Ibidem, 1998, p. 101). É possível entender que na pesquisa qualitativa o pesquisador pode apurar e compreender o objeto de estudo com maior veracidade dos fatos, uma vez que o contato com o sujeito e/ou objeto investigado pode ser a porta de entrada para um mundo de interpretações.

Quanto às características da pesquisa qualitativa podemos destacar as seguintes:

- 1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa (TRIVINÓS, 1987, p. 128-30, apud, OLIVEIRA, 2008, sem numeração).

Desse modo, todas as particularidades que envolvem e caracterizam a pesquisa qualitativa são fundamentais para a compreensão e investigação do ambiente educacional. A pesquisa qualitativa representa um importante instrumento para a coleta de dados, nela “a relação que se cria é a de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33). Dependendo da maneira que a entrevista “caminhar” as informações fluirão com maior facilidade e autenticidade.

É importante destacar que entre as diversas técnicas de abordagem para a coleta de dados na pesquisa qualitativa, utilizamos da observação e da entrevista, juntamente com os professores dos anos finais do ensino fundamental.

A técnica de observação “reside no fato de podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observamos diretamente na própria realidade (...)” (CRUZ NETO, 1994, 60). Enquanto que:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos autores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva (Ibidem, 1994, p. 57).

Para o aprofundamento dessa modalidade, utilizou-se como roteiro um questionário com perguntas semiestruturadas, onde foi dado ênfase aos tópicos principais de investigação, como indisciplina, aprendizagem, atitude pedagógica; servindo como base para análise dos dados colhidos juntamente com os professores do Ensino Fundamental, anos finais.

Para o registro de dados a fala individual dos professores foi gravada e num momento posterior devidamente transcrita e analisada.

3.1 Lócus da pesquisa

A presente pesquisa acadêmica foi desenvolvida na Escola Municipal Tocantins, localizada numa área central da Cidade de Imperatriz do Maranhão. A escola possui como principais pontos de referência a Universidade Federal do Maranhão, a Câmara Municipal de Vereadores e o INSS – Instituto Nacional do Seguro Social, esses pontos possibilitam e facilita o acesso da comunidade imperatrizense a referida escola.

Cabe enfatizar que a escola foi fundada no ano de 1971 pelo então prefeito Renato Cortez Moreira, naquele período o Estado do Maranhão era governado por Pedro Neiva de Santana. Quanto ao nome - Escola Municipal Tocantins - foi uma homenagem ao Rio Tocantins considerado como um marco referencial na fronteira entre os Estado do Maranhão e Tocantins.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico a escola visa “assumir uma política educacional crítica, inovadora e libertária, de modo, a promover e despertar no aluno o conhecimento” (PPP, 2015, p. 9).

A Escola Municipal Tocantins funciona durante os turnos matutino e vespertino e atende a aproximadamente 500 alunos do ensino fundamental do 1º ao 9º ano, com faixa etária aproximada de oito e dezoito anos.

Quanto à estrutura física da escola, são: 08 salas de aula, 02 banheiros, 02 pátios cobertos, 01 secretaria, 01 sala para diretora, 01 sala para os professores, 01 laboratório de informática, 01 sala de recursos, 01 biblioteca com o acervo de 3 mil livros, 01 cantina.

Cabe enfatizar que a escola possui uma boa estrutura, mas não consegue atender a demanda dos alunos ali matriculados. A maioria das salas de aula comporta um número acima da média para o local, ou seja, são superlotadas. O que impossibilita de certo modo o ensino e aprendizagem.

Portanto, tratar de uma instituição onde foi possível observar de uma forma razoável os alunos e o mau comportamento na sala de aula. Estes, muitas vezes demonstram-se um

tanto “alterados”, ou seja, indisciplinados. Sendo que, apesar do professor mostrar se as vezes autoritário, as situações indisciplinares, fogem do controle, havendo indisposições agressivas.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Para fundamentar a pesquisa foram realizadas durante o período de oito meses visitas a uma escola municipal de ensino na cidade de Imperatriz do Maranhão, na oportunidade foram entrevistados os professores que lecionam nos anos finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano. A escola conta com a colaboração de 20 professores lecionando no grau de ensino investigado, mas somente 15 se disponibilizaram a participar da pesquisa.

Optou-se por realizar uma pesquisa com os professores que lecionam nas séries finais do ensino fundamental, pelo motivo que o maior número de reclamações e queixas sobre a indisciplina partia dos professores que lecionam nesse grau de ensino.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DAS CATEGORIAS DE PESQUISA

Para que possamos dar início à análise dos dados da pesquisa, cabe num primeiro momento fazer a identificação do perfil dos professores entrevistados.

Quadro I: Perfil docente

Professor (a)	Sexo	Formação		Experiência Docente	
		Área	Especialização	Tempo de experiência	Área de atuação na instituição
A1	F	Lic. em Letras - Port./Ing	Pós grad. em Língua Portuguesa	15 anos	Português, Inglês e Artes
A2	F	Lic. em História	-	20 anos	História e Geografia
A3	F	Lic. em História	Pós grad. em História	30 anos	História e Geografia
A4	F	Lic. em Ciências Biológicas	Pós grad. em Gestão Ambiental	27 anos	Ciências
A5	F	Lic. em Letras e Português	Pós grad. em Letras e Literatura	17 anos	Artes e Religião
A6	F	Lic. em Letras - Port./Ing	Pós grad. em Inglês	4 anos	Matemática
A7	M	Lic. em Ciências e Matemática	Pós grad. em Física	20 anos	Matemática
A8	F	Lic. em Pedagogia e Matemática	Pós grad. em Psicopedagogia e Português	12 anos	Ciências e Matemática
A9	F	Lic. em Matemática	Pós grad. em Gestão Escolar	32 anos	Matemática
A10	M	Lic. em Matemática	Pós grad. em Gestão Escolar	7 anos	Matemática
A11	F	Lic. em Letras - Port./Lit.	Pós grad. em Linguística ao ensino da língua portuguesa	8 anos	Português, Artes e Religião
A12	F	Lic. em Letras	Pós grad. em Psicopedagogia e Dr. Psicanálise	17 anos	Português
A13	M	Lic. em Matemática e Física	Pós grad. em matemática, Física, Gestão Tecnológicas. Mest. em Economia e Dr. em Economia	20 anos	Matemática e Ciências
A14	M	Lic. em Geografia, Bacharel em Direito	Pós grad. em Gestão Pública	17 anos	Geografia, História e Religião
A15	F	Lic. em Educação Física	-	22 anos	Educação Física

A= Professor (a); Lic. = Licenciatura; Grad. = Graduação; Mest. = Mestrado; Dr. = Doutorado

Para a obtenção dos dados do perfil docente primeiramente foi necessário conduzir a entrevista por meio de uma conversa informal, deixando-os a vontade para responderem o que lhes era questionado. E mesmo seguindo um tom de informalidade, durante a entrevista foi possível perceber que por parte de alguns professores havia a preocupação e a resistência em fornecer os dados de identificação. Acreditamos que essa atitude ocorreu pela preocupação

que o professor tem com o próprio perfil da profissão. Foi esclarecido que os dados de identificação não seriam divulgados, mantendo o sigilo do sujeito entrevistado.

Assim, com o intuito de situar a pesquisa, cabe uma breve análise do perfil docente. Num total de quinze professores, a maioria dos entrevistados é do gênero feminino, somam-se onze, e quatro deles são do gênero masculino; têm entre 26 e 66 anos de idade, e exercem a profissão docente entre sete e trinta anos. Em relação às disciplinas ministradas, estão: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês, Religião, Artes, e Educação Física. Outro fator que cabe ressaltar, é que a maioria deles possuem formação em nível de Pós-Graduação, seja, especialização, mestrado e doutorado. Isso mostra a preocupação e o reconhecimento do professor em buscar mecanismos para o aperfeiçoamento do conhecimento, já que o conhecimento deve ser entendido como algo que se renova e se aprimora constantemente.

Na busca de colher dados específicos sobre o perfil dos professores entrevistados, questionamos, num primeiro momento, “Por que você decidiu ser professor (a)?”. A resposta para esta pergunta foi dada de diferentes maneiras, sendo enfatizado o aspecto familiar. A questão de cunho sentimental, como amor e também afinidade ou vocação com a profissão, a falta de opção de curso, dentre outros aspectos que também foram apontados pelos professores como motivo da escolha em seguir a carreira docente. Nesse sentido, com relação à motivação familiar, destacamos as respostas do depoimento da professora A1:

Porque eu vim de uma família que todos eram professores, eu sempre achei o ato de ensinar muito bonito. Na época que a minha mãe ministrava aula a profissão de professor era muito bonita e respeitada. Não se trata de uma questão financeira, mas da admiração pela profissão; naquela época havia o status de professor, um exemplo como o que ocorreu com a minha mãe, ela era chamada de “Professora Dulce”, isso representava um carinho dos alunos por ela. E tudo isso fez que eu desenvolvesse um amor por essa profissão (PROFESSORA A1).

Ao analisar a resposta anterior, é possível perceber a influência da família no momento da escolha da profissão. De acordo com Nepomuceno e Witter, a escolha feita por um jovem pode representar a reativação das escolhas feitas pelos pais, dado que isso pode em algum momento ser encarado pelos pais como a possibilidade de aperfeiçoar as próprias escolhas, “isso sugere que o jovem seja o depositário de fantasias inconscientes da família e, dessa maneira, cabe-lhes realizar aquilo que a família não realizou ou mesmo dar continuidade a tarefa já desenvolvida por eles” (NEPOMUCENO; WITTER, 2010, p. 15). Nesse sentido, os filhos têm os pais como espécie de exemplo a ser seguido e por isso em muitos casos eles acabam por decidir, seguir a mesma profissão dos pais. Essa atitude é

“supostamente” uma maneira de manter ou dar continuidade as atividades já desempenhadas pela família. Uma situação comum entre as pessoas que escolhem seguir a profissão docente.

Questionamos como os professores se sentem dentro da sala de aula. Grande parte dos entrevistados diz se sentir bem, ministrando aula, pois naquele momento pode transmitir conhecimento para os alunos. Mas, as falas dos professores A1 e A3 esclarecem:

Sinto-me bem dentro da sala de aula, lá posso transmitir conhecimento para os alunos. Mas, não considero que o ambiente da sala de aula seja propício para o aprendizado dos alunos, é desfavorável, a maioria das salas, não tem acústica, o calor é quase “infernai”, são superlotadas. Os alunos não se comportam de maneira adequada, desrespeitam o professor. Esses são os maiores problemas, e um dos maiores impasses dentro da sala de aula, o que dificulta o aprendizado (PROFESSORA A1).

Não é mais confortável como antigamente. Antes os alunos me respeitavam, obedecia, eu era uma “mestra”. Hoje, não tem mais aquele acolhimento e carinho do aluno com o professor (PROFESSORA A3).

As respostas dessas professoras chamaram atenção, em especial, porque há explicitamente uma preocupação sobre os fatos que dificultam o aprendizado, diz respeito ao ambiente desfavorável, e principalmente ao mau comportamento do aluno dentro da sala de aula. Os alunos não respeitam o professor, que apesar de gostar de ministrar aula e transmitir conhecimento, se sente desmotivado com a situação vivenciada cotidianamente dentro da aula.

Levando em consideração esses aspectos, os professores vêem seus alunos como pessoas que precisam de conhecimento, mas, por causa do desinteresse, da falta de motivação, do mau comportamento, da indisciplina, acabam sendo prejudicados durante o processo de aprendizagem. Por isso, faz-se necessário a análise das categorias temáticas a partir da visão do professor sobre a indisciplina do aluno dentro da sala de aula, tal como exposto na próxima seção.

4.1 Categorias

Na busca de responder os objetivos específicos deste trabalho acadêmico, tais quais: compreender como os professores (as) conceituam a indisciplina escolar do aluno; investigar como os conflitos indisciplinares ocorrem na sala de aula e suas implicações na aprendizagem; verificar como os professores lidam com a indisciplina do aluno, tendo em vista o processo de ensino e aprendizagem, buscamos sistematizar as perguntas e as respostas dos professores entrevistados, através das seguintes categorias temáticas: 1º - Conceito de

indisciplina, de acordo com a concepção docente; 2º - Conflitos indisciplinares; 3º Implicações na aprendizagem; 4º - Atitudes pedagógicas dos professores diante da indisciplina. Nesse sentido, estas serviram como uma espécie de roteiro para o aprofundamento e análise da pesquisa.

Quadro II: Categorias

PERFIL E CATEGORIAS TEMÁTICAS		
PERGUNTAS		
1. Qual seu nome? Quantos anos você tem? Qual sua formação tem alguma especialização? 2. Há quanto tempo você ministra aula? 3. Em quais disciplinas você ministra aula nesta escola? 4. Você trabalha em outra escola? Se for afirmativa a resposta: quais disciplinas você ministra aula. 5. Por que você decidiu ser professor (a)? 6. Como se sente na sala de aula? 7. Como você ver seus alunos? 8. Para você o que é indisciplina? 9. Como você percebe a indisciplina na sala de aula? (Geral). 10. Quais os comportamentos você classifica como indisciplinares? 11. Quais desses atos (referente à pergunta e resposta anterior) são mais constantes na escola? 12. Você considera que os atos de indisciplina interferem na aprendizagem? De que modo? 13. Em qual momento você considera que os alunos se mostram mais indisciplinados? 14. Para você, o que é disciplina? 15. Como você lida com a indisciplina na sala de aula? (o que faz, desde quando, resultados, dificuldades etc.).	Perfil docente /Categorias Temáticas	Questões 1 – 6 (página 60).
	1º - Conceito de indisciplina, de acordo com a concepção docente.	Questão 7, 8, e 10
	2º - Conflitos indisciplinares.	Questão 9, 11, 12 e 13
	3º Implicações na aprendizagem 4º - Atitudes pedagógicas dos professores diante da indisciplina	Questão 14 e 15

Fonte: Autora (2018).

4.1.1 Conceituação dos professores sobre a indisciplina do aluno na sala de aula

A partir das categorias temáticas criadas para responder o primeiro objetivo específico deste trabalho acadêmico buscamos compreender como os professores conceituam a indisciplina do aluno dentro da sala de aula. Desse modo, fizemos o seguinte questionamento aos professores: “para você o que é indisciplina?”

Indisciplina é a falta de concentração do aluno durante a aula, é a falta de respeito com o professor (PROFESSOR A4).

É tudo que atrapalha o aprendizado do aluno, é a falta de atenção, são as conversas paralelas durante a aula, é o uso de aparelhos eletrônicos na sala, é o desrespeito com o professor (PROFESSOR A9).

Através das respostas dos professores para primeira pergunta foi possível analisar, de uma maneira geral, que a indisciplina na concepção docente está relacionada diretamente ao aluno que não respeita o professor, que não tem limite, que não segue as normas escolares, que não presta atenção na aula, que conversa, e que desobedece ao professor.

Para o professor a indisciplina diz respeito à maneira como aluno se comporta dentro da sala de aula. Mas, “quais são os comportamentos que eles classificam como indisciplinares?” Os comportamentos indisciplinares são classificados como: os xingamentos, as conversas paralelas (que aparece quase unânime na resposta dos professores), o desrespeito, a desobediência, a desordem, a falta de limite, a agitação, a agressividade. De acordo com Vasconcellos (2009), a queixa dos professores sobre a indisciplina envolve dois fatores comportamentais do aluno, tais como:

Primeiro: a falta de interesse dos alunos: desinteresse, indiferença, apatia, desmotivação, falta de perspectiva, cinismo, descrença, desesperança, falta de clareza de objetivo.

Segundo: a falta de limites dos alunos: desrespeito, agressividade, transgressão, desobediência às normas; parece que aluno não “sabe estar”. O espectro aqui vai da simples transgressão da norma até a violência (VASCONCELLOS, 2009, p. 62).

Para o autor os fatores mencionados anteriormente se tratam de manifestações concretas dos alunos, e que realmente perturbam e desafiam a carreira docente. Uma vez que na visão dos professores o comportamento indisciplinar do aluno também pode estar associado às relações familiares, ou seja, o comportamento inadequado do aluno é o reflexo da maneira como ele age com os pais em casa. Essa queixa foi observada na fala dos professores em diversos momentos.

Os alunos já trazem isso de casa, de certa maneira o aluno não tem um ambiente favorável, não tem um acompanhamento do pai ou da mãe. A criança acaba achando que dentro da sala é um refúgio, onde ele encontra os amigos e pode fazer o que bem

entender como bater papo (conversar), fazer baderna, enfim ser mal comportado (PROFESSOR A1).

A indisciplina escolar é quando a criança não tem disciplina em casa, e todo esse comportamento ele (aluno) traz pra escola (PROFESSOR A3).

Indisciplina é falta de diálogo e ensino em casa, então, o modo como o aluno se comporta na sala de aula é reflexo do que ele aprendeu em casa, ou seja, a disciplina é algo que os pais devem ensinar aos filhos, para que estes possam agir com boas maneiras dentro da sala de aula e na sociedade em geral (PROFESSOR A6).

É interessante notar que para os professores a indisciplina está associada a uma crise nos vínculos familiares, assim, para eles os pais estão ausentes na construção dos vínculos afetivos, e na educação dos filhos, deixando essa tarefa a cargo apenas da escola. De acordo com Aquino (2003):

Os professores têm sido cada vez mais convocados a compartilhar questões de cunho privado (afetivas e/ ou atitudinais) do alunado, antes circunscritas apenas no âmbito familiar e, por isso, é bastante comum, acreditarem que alguns alunos de fato padeceriam de falta de infraestrutura moral para o trabalho escolar. Daí os professores imaginarem que seria necessário ensinar-lhe, sem cessar, padrões de conduta e assemelhados – função esta suplementar à docência que teria sido negligenciada pela família (AQUINO, 2003, p.43 apud PEREIRA, 2009, p. 37).

Diante disso, cabe ressaltar que a família e a escola são instituições distintas, mas que podem desenvolver uma parceria entre si, para assim construir ou desenvolver a disciplina e a base educacional de uma criança. Visto que a figura docente é de suma importância, mas não consegue substituir a base familiar, muito menos o inverso é possível. Por isso, é fundamental que a escola juntamente com a família desenvolva um trabalho participativo, que através, por exemplo, de projeto, de roda de conversa, seminários, reuniões, possa haver a interação da escola e dos pais em prol da formação ética e cidadã da criança para que o foco do olhar do professor seja voltado para o aluno enquanto sujeito e não para indisciplina enquanto comportamento.

4.1.2 Os conflitos indisciplinados na sala de aula na concepção docente

Para identificar como ocorrem as situações de conflito de indisciplina, questionamos os professores como eles percebem a indisciplina. As falas dos professores são quase unânimes sobre o comportamento do aluno,

Que quer chamar a atenção do colega; que fica com o celular e com o fone de ouvido durante a aula; que não fica quieto; que conversa muito (PROFESSORA A1).

Através daquele aluno que,

Não presta atenção na aula, [...], que interrompe o professor, que tira a concentração de todos (PROFESSOR A7).

Além disso, os professores apontam a desobediência às regras, as brigas, o bullying, a falta de compromisso (com as atividades, material e horário), etc. É possível analisar que as falas dos professores apenas reforçam que a indisciplina pode ser notada de diferentes maneiras. Essa consideração vai de encontro com os apontamentos teóricos de Parrat-Dayan (2016) que esclarece:

Os problemas de indisciplina traduzem-se de diferentes maneiras. Por exemplo, por meio de condutas como rejeitar a aprendizagem, faltar à aula, não levar os materiais escolares ou não fazer as tarefas. Outra forma é o desrespeito às normas elementares de conduta sem que exista necessariamente a intenção de molestar. E, ainda, os problemas de indisciplina podem se manifestar através de condutas disruptivas. Por exemplo, o aluno fica em pé frequentemente, interrompe o professor, tenta chamar a atenção etc. Essas condutas são incômodas e desagradáveis, tanto para o professor quanto para outros alunos. Em casos extremos, aparecem condutas agressivas (PARRAT-DAYAN, 2016, p. 21).

Para a autora os problemas de indisciplina podem ser traduzidos a partir de condutas disruptivas, como interromper o professor durante a aula até condutas que podem interferir na aprendizagem, como por exemplo, o aluno não levar o material didático para a escola, não fazer as atividades, não prestar atenção na aula. Tanto a conduta disruptiva quanto a de aprendizagem podem por em causa conflitos dentro da sala de aula, prejudicando as relações pedagógicas.

Quanto ao conflito provocado por indisciplina dentro da sala de aula, é possível notar que o professor reconhece por meio,

[...], das brigas entre os alunos, da falta de respeito com o professor e com os colegas (PROFESSOR A4).

Através do aluno que age de maneira inadequada, que tira atenção do colega e do professor, ou através daquele que propaga atos de bullying, e apelida o colega. As situações conflituosas também acontecem, quando o aluno danifica um bem material do professor como, por exemplo, o carro (PROFESSOR A14).

O conflito é a oposição de interesse entre duas ou mais pessoas. Por meio da fala dos professores podemos considerar que os conflitos indisciplinares “podem afetar as relações formais e informais entre os alunos, podendo atingir alguma agressividade e violência, envolvendo por vezes atos de extorsão, violência física ou verbal” (SPOSITO, 1998, apud

PEREIRA, 2009, p. 26). Além disso, os conflitos de indisciplina também podem atingir ou afetar a relação do aluno com o professor, deixando de lado a autoridade e a posição docente.

É possível analisar ainda, de uma maneira subjetiva, o conflito indisciplinar na concepção docente, que encontra-se relacionado com o não cumprimento das regras e com a falta de respeito, o que prejudica assim a convivência dentro do ambiente escolar.

Fortuna analisa a indisciplina como sendo o não cumprimento de regras, e considera, “é rebeldia contra qualquer regra construída; é o desrespeito aos princípios de convivência aos combinados sem uma justificativa viável, criando transtorno e incapacidade de se relacionar de acordo com as normas estabelecidas por um grupo” (FORTUNA, 2002, p. 90 apud PEREIRA, 2009, p. 90).

Nesse sentido, o respeito é primordial para o bom convívio sócio-educacional, cabendo ao professor “exigir o respeito dos alunos para com os colegas e para consigo” (VASCONCELLOS, 2010, p. 93). O respeito deve fazer parte da educação, como fortalecimento dos vínculos entre a escola, o professor e o aluno.

Nesse contexto, “todo conflito consiste na oposição de interesse entre duas ou várias partes. Quando essa oposição existe, pode se procurar uma solução por meio da violência, por meio da negociação ou por meio da intervenção de uma terceira pessoa que atua como mediadora” (PARRAT-DAYAN, 2016, p. 94). O papel de mediador é cabível ao professor, que ao invés de castigar e/ou punir os alunos, deve intervir motivando o aluno a refletir sobre seu comportamento numa situação de conflito, ou seja, questioná-los, Por que agem de uma maneira que pode gerar conflito? Por que as atitudes de conflito são prejudiciais para o desenvolvimento de atividades coletivas? Essas são atitudes pedagógicas que provocam o aluno a desenvolver valores como diálogo, respeito e tolerância.

Portanto, os conflitos de indisciplina podem gerar sérias consequências, tal como interferir no processo de aprendizagem, por isso, e como parte da terceira categoria, buscamos compreender como as situações de indisciplina interferem na aprendizagem do aluno.

4.1.3 A indisciplina e as implicações na aprendizagem

Ao falarem sobre a indisciplina e as implicações na aprendizagem, os professores demonstraram certa preocupação. Pois segundo eles, a indisciplina interfere no processo de aprendizagem do aluno. Como é possível verificar nas falas dos professores A2, A3 A4:

Porque se o professor estiver ministrando aula e o aluno estar conversando com o colega, certamente ele não conseguirá aprender nada, e com esse tipo de comportamento o aluno não consegue assimilar o conteúdo, consequentemente não consegue participar da aula, ou tirar uma boa nota na prova (PROFESSORA A2).

A indisciplina interfere na aprendizagem, porque o aluno não consegue prestar atenção na aula, depois fica sem saber como responder as atividades. (PROFESSOR A3).

Porque se o aluno não prestar atenção na aula, não faz as tarefas, fica inquieto. Ele não vai conseguir tirar uma boa nota, ou seja, o mau comportamento pode gerar resultados negativos na aprendizagem do aluno (PROFESSOR A4).

Através das falas dos professores A2, A3 e A4 é possível verificar que a conversa, a dispersão, a bagunça, a falta de interesse em participar da aula são comportamentos que geram reflexos negativos no desenvolvimento da aprendizagem. Visto que o aluno indisciplinado não consegue assimilar adequadamente o conteúdo didático, consequentemente não consegue responder de forma adequada as atividades, não obtém um bom resultado nas avaliações escolares, levando-o na maioria dos casos, a reprovação. Além disso, a indisciplina atinge a todos dentro da sala de aula.

O aluno indisciplinado acaba desvirtuando os outros alunos que querem estudar, isso acontece por causa do barulho, das conversas, da agitação (PROFESSOR A5).

Diante dessa discussão, questionamos os professores “em qual momento os alunos se mostram mais indisciplinados?” As respostas foram quase unânimes, ao afirmarem que é durante a parte expositiva do conteúdo e na hora de fazer as atividades pedagógicas que o aluno se mostra mais indisciplinado, como é possível apurar através do relato da professora A1:

Na parte expositiva, eles ficam muito dispersos, desatentos. Quando tem atividades, eles produzem pouco, alguns alunos nem conseguem cumprir a atividade porque não prestou atenção na explicação do conteúdo (PROFESSOR A1).

Essa concepção é a mesma defendida por Vasconcellos que esclarece que as manifestações de indisciplina ocorrem através da “conversa paralela, dispersão; professor entra em sala e é como se não tivesse entrado; dá lição e a maioria não faz [...]; alunos não trazem material; se negam a participar da aula; parece que nada interessa [...]” (VASCONCELLOS, 2010, p. 13).

Assim, a indisciplina na sala de aula é a principal barreira para o aprendizado, pois, “o aluno indisciplinado que busca chamar a atenção dos colegas e do professor atrapalha o

direcionamento da aula, tumultuando as atividades, tirando o foco da aprendizagem” (TAVARES, 2012, p. 24).

Nesse contexto, os professores têm certa dificuldade em estabelecer a ordem na sala de aula, os casos que, mediante o comportamento inadequado dentro da sala de aula, o professor tem que parar a explicação para pedir o silêncio da turma, ou seja, solicitar que os alunos se comportem durante a aula. Em outras palavras, diante do comportamento indisciplinar na sala de aula, o professor busca estabelecer limites para os alunos.

Imerso nesse contexto, a indisciplina é um problema que dificulta a relação do professor com o aluno e causa o baixo rendimento escolar ou a insatisfação profissional. É importante ressaltar que as causas da indisciplina não estão apenas ligadas a escola, mas, a família e a sociedade.

A ausência da prática das regras, normas disciplinares pelo aluno, são constantemente apontados como as principais dificuldades encontradas dentro da sala de aula. Esses fatores, em muitos casos, provocam sentimento de desmotivação ou descontentamento nos professores com a carreira docente, os quais não se sentem preparados para lidar com tais situações, visto que, nos cursos de graduação pouco ou quase nada é esclarecido sobre a maneira adequada de lidar com a indisciplina escolar. Por isso, os professores tomam certas medidas e atitudes pedagógicas, a partir da experiência adquirida no decorrer do exercício pleno da profissão.

4.1.4 Atitudes pedagógicas dos professores diante da indisciplina

Para que possamos responder a quarta categoria, sobre ‘as atitudes pedagógicas dos professores diante da indisciplina’, foi questionado a eles, “o que é disciplina?”. As respostas para essa pergunta foram as seguintes:

Disciplina escolar é o aluno cumprir os deveres (fazer as atividades, cumprir os horários, ter compromissos, e etc...), é respeitar os professores e os colegas. Quando o aluno tem o acompanhamento dos pais, ele é disciplinado, tira uma boa nota, faz as atividades propostas na aula (PROFESSOR A5).

É cumprir os horários, prestar atenção na aula, respeitar o professor (PROFESSOR A13).

Não fazer gesto obsceno, não xingar o professor, perguntar sempre quando tem dúvida sobre o conteúdo. De uma maneira geral, é respeitar o professor e os colegas (PROFESSOR A14).

Através dos relatos dos professores é possível analisar que atitudes como: ter assiduidade, prestar atenção na aula, fazer as atividades escolares e respeitar o professor e os colegas são comportamentos considerados como disciplinados.

A disciplina dentro da sala é um desejo comum entre a maioria dos professores, e em muitos casos ela é associada à participação da família no acompanhamento escolar do filho. Para o professor, quando o aluno é disciplinado em casa, consequentemente será na escola; mas, se o aluno não tem a atenção dos pais, consequentemente terá atitudes indisciplinadas tanto em casa quanto na escola. Tal como é possível apurar nas falas dos Professores A1 e A5:

Eu entendo que indisciplina é uma questão muito social, e não diz respeito somente a sala de aula. Os alunos já trazem isso de casa, de certa maneira, quando o aluno não tem um ambiente favorável, não tem o acompanhamento do pai ou da mãe, a criança acaba achando que dentro da sala de aula é um refúgio, onde ele encontra os amigos e pode fazer o que bem entender, como bater papo (conversar), fazer baderna, enfim... (PROFESSOR A1).
[...] quando o aluno tem o acompanhamento dos pais, ele é disciplinado, tira uma boa nota, faz as atividades propostas na aula (PROFESSOR A5).

A partir dos relatos dos professores pode-se ressaltar que a família tem forte representatividade na vida de uma pessoa, principalmente de uma criança, sendo que as normas que ocorrem em seu interior é uma particularidade de cada organização familiar. De acordo com Souza, a estrutura familiar que se forma no interior de cada família é o que dá suporte para a maneira, com quem cada membro pode e deve relacionar-se. Para a autora “até hoje a família transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança” (SOUZA, 2009, p. 25).

De fato, em muitos casos os professores atribuem e responsabilizam os problemas de indisciplina do aluno na escola, em particular à família. Percebemos que nos relatos dos professores há certa subjetividade em exigir da família a disciplina da criança. Noutras palavras, para o professor o aluno é indisciplinado porque precisa de limite, e esse deve ser estabelecido através da família. O limite familiar na concepção docente é “punitivo”. A punição aqui não está relacionada a maus tratos, ou castigo degradante, mas da família impor regras de convivência ou de conduta, visto que toda criança, tal como prescrito na Lei 13.010/2014, tem o direito de ser educada sem o uso de castigo ou tratamento degradante, como forma de disciplina, educação, ou qualquer outro pretexto usado pelos pais, educadores e cuidadores sócio-educacional.

Devemos convir que na atualidade existe muitas famílias desestruturadas e desorientadas, se esquivando e transferindo suas responsabilidades para a escola.

“Objetivamente, a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos” (VASCONCELLOS, 2010, p. 26). Diante disso, os professores sentem-se de certa maneira sobrecarregados, desorientados de sua função pedagógica. Pois, o que acontece é uma inversão de papéis para os quais os professores não se sentem adequadamente preparados para desempenhar.

Para a pergunta, “como você lida com a indisciplina na sala de aula?” As respostas dos professores que nos chamou especial atenção, para possível verificação, encontram-se nas falas dos professores A2 e A6:

Geralmente eu converso com o aluno ou chamo a coordenação da escola (PROFESSOR A2).

Converso com o aluno, chamo a atenção, chamo os pais, etc. Todavia, na maioria das vezes eles se comportam apenas por alguns instantes, logo, parecem que esquecem e, voltam a agir de maneira indisciplinar (PROFESSOR A6).

Tais respostas evidenciam que a principal ação diante de casos de indisciplina é a conversa ou chamar atenção do aluno. Se, tais medidas não conseguirem resolver é solicitada a presença da coordenação ou dos pais.

Sobre as atitudes tomadas pelos professores para lidar com a indisciplina, convém refletir se essa conversa de fato colabora com a mudança de atitude do aluno. Para Souza, “esse tipo de conversa tem mais um propósito de controle do que promover uma reflexão sobre a situação” (SOUZA, 2005, apud PEREIRA, 2009, p. 119). Portanto, a forma de conversa que os professores utilizam como meio para lidar com a indisciplina se insere num contexto de obediência, submissão, e dependência ao invés da construção de uma reflexão do aluno sobre seus atos.

Nesse contexto, é possível analisar que a maioria dos professores lida com a indisciplina de forma punitiva, podendo ser observado através das falas dos professores A1, A3 e A13:

Geralmente eu chamo a atenção do aluno, às vezes coloco ele pra fora da sala de aula [...] (PROFESSOR A1).

Peço o caderno, peço que o aluno abra o livro e faça a atividade (PROFESSOR A3).

Peço o acompanhamento dos pais, faço aviso, registro de ocorrência (espécie de livro de indisciplina, que é entregue a coordenação) e relatórios (PROFESSOR A13).

O depoimento dos professores vão de encontro com a concepção teórica de Lemos e Carvalho (2015), que esclarecem:

Na sala de aula, é comum os professores utilizarem com considerável frequência para controlar o comportamento de seus alunos práticas (aversivas) como reclamações, expulsões e decréscimo de pontos. Estas consequências são aplicadas com a finalidade de controlar o comportamento do aluno quando o mesmo emite comportamentos classificados como inadequados, que atrapalham o curso da aula (LEMOS; CARVALHO, 2015, p. 338).

Os professores agem de maneira punitiva (aversiva) com os alunos na “esperança” de diminuir a frequência do comportamento inadequado dentro da sala de aula. Tais medidas podem trazer uma resposta imediata ou não. As práticas aversivas, como por exemplo: reclamações, expulsões, advertência, entre outras, podem provocar efeitos colaterais, e atingir o aluno e parcialmente desmotivá-lo dos estudos ou gerar desgaste da carreira docente.

Em contrapartida, é possível ressaltar as atitudes dos professores A7 e A12 que diante da indisciplina ao invés de punir seus alunos, usam de mecanismos inovadores e reforçadores. Segundo os professores, lidar com a indisciplina não é uma tarefa fácil, mas é possível utilizar de atividades inovadoras, tais como:

Diálogo, livro da amizade, jogos pedagógicos (PROFESSOR A 7)
É possível mudar o foco da aula, e buscar temas que se encaixe na realidade do aluno (PROFESSOR A12).

Para esses professores, tirar o aluno da sala de aula não resolve, apenas prejudica o aprendizado.

Dentro do cenário educacional, especificamente na sala de aula, é possível analisar que existem educadores que compreendem a educação através da punição e, por outro lado, existem educadores que acreditam que educação se faz através de atos inovadores, motivadores e libertadores.

Entende-se que “a disciplina não é um pré-requisito para a ação pedagógica, mas um dos efeitos do trabalho cotidiano na sala de aula. É na sala que se ensina, que se aprende, que surgem e se resolvem conflitos (PARRAT-DAYAN, 2016, p.67). Portanto, a causa da indisciplina não está somente no aluno, por isso é importante reavaliar a relação professor e aluno, pois dentro de um contexto amplo de ensino, diz-se que o professor ensina o conteúdo para alguém, mas torna-se relevante que ele possa ser e agir como um mediador educacional que possa refletir sobre suas ações e auxiliar o aluno, bem como questionar para “que” e “como” se aprende. O professor precisa conquistar a confiança do aluno para que possa estabelecer regras, uma vez que essas devem ser trabalhadas em conjunto, sendo negociadas e reelaboradas de acordo com a necessidade do trabalho cotidiano dentro da sala de aula.

5. RESULTADOS

A presente pesquisa acadêmica buscou identificar qual a concepção docente sobre o comportamento indisciplinar do aluno dentro da sala de aula. Nesse sentido, para a coleta dos dados investigativos, foram entrevistados quinze professores das séries finais do ensino fundamental maior de uma escola da Rede Pública de Ensino, na cidade de Imperatriz-MA. As falas dos professores foram gravadas, posteriormente transcritas e devidamente analisadas. Destacamos que os resultados obtidos são de suma importância para a compreensão da temática aqui tratada, ou seja, a indisciplina.

Dentro desse contexto, constatamos que os professores definem a indisciplina a partir do comportamento ou atitude tomada pelo aluno dentro da sala de aula e na escola, ou seja, é a falta de respeito com o professor e com os colegas, é o descumprimento das normas e regras, é o comportamento inadequado, uma vez que a indisciplina manifesta-se através da conversa paralela, da dispersão, da bagunça, do comportamento agressivo, dos xingamentos, entre outras atitudes que comprovam a falta de disciplina dentro da sala de aula.

Na concepção docente os conflitos indisciplinares pode acontecer de diferentes maneiras, trata-se da oposição de interesse entre uma ou mais partes. Em geral, o conflito consiste nas brigas entre os alunos, na falta de respeito com o professor e com os colegas, em atos de vandalismo, entre outras situações que são percebidas quase que cotidianamente nas escolas. Na realidade para o professor o conflito encontra-se diretamente relacionado à falta de respeito e ao não cumprimento das regras pelos alunos, pois as regras e o respeito são primordiais para o bom convívio e para o fortalecimento dos vínculos educacionais e sociais.

Para os professores quando o aluno conversa, faz barulho, faz bagunça, não presta atenção na aula, não respeita o professor é por que age de maneira indisciplinar, e esse tipo de comportamento não é bom para o desenvolvimento da aprendizagem. Os atos de indisciplina prejudicam o aluno, a partir do momento que ele demonstra não ter interesse pelos estudos, e por isso não consegue fazer as atividades propostas de maneira adequada. Consequentemente não consegue atingir bons resultados e acaba sendo reprovado. Por outro lado, para o professor, a indisciplina também o prejudica, porque se sente descontente ou desmotivado, pois não sabe ao certo como agir diante da falta de disciplina, vivenciadas quase que cotidianamente dentro da sala de aula.

Quando questionados sobre “o que é disciplina?” As respostas foram quase que unânimes, em dizer que se trata do aluno que respeita o professor e os colegas, que faz as

atividades, que presta atenção na aula, que tem assiduidade, que cumpre as regras e normas da escola, etc.

Além disso, a disciplina ou não, para os docentes, encontra-se diretamente relacionada com a participação dos pais no acompanhamento escolar do filho. Observou-se que os professores de certa maneira esperam que os pais tomem medidas disciplinares diante do comportamento dos filhos, para que somente assim, não haja uma inversão de papéis e valores.

Para a pergunta, “como você lida com a indisciplina na sala de aula?” Analisamos através das respostas, que o professor quando percebe a indisciplina e tenta resolvê-la o mais rápido possível, usa de artifícios como: conversar com o aluno, pedir o caderno, fazer advertência (utilização de registro de ocorrência), chamar a atenção do aluno, chamar a coordenação, chamar os pais, entre outras medidas disciplinares. Nesse sentido, entende-se que as medidas tomadas são punitivas, pois, não provoca no aluno nenhum impacto reflexivo, sobre a situação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho de conclusão de curso possibilitou compreender a indisciplina a partir da concepção docente, uma vez que esta não pode ser tratada como um fenômeno estático, pelo contrário, trata-se de uma temática dinâmica que tem sido discutida com frequência na atualidade e repercutida no meio educacional, social e familiar.

Constatou-se por meio da pesquisa e sistematização dos relatos dos professores que a indisciplina é algo praticamente inevitável dentro da sala de aula, sendo notada de diferentes maneiras, diz-se, da falta de respeito do aluno com o professor e com os colegas, ou seja, a indisciplina manifesta-se como a violação das normas e regras, o comportamento inadequado, a falta de disciplina. Sendo interessante notar que a indisciplina pode manifestar-se através da conversa paralela, da dispersão, da agressividade, da falta de interesse, da briga, do barulho, etc.

Os conflitos indisciplinares é entendido a partir do momento em que existe a discordância entre uma ou mais partes, uma vez que pode manifestar-se através das brigas, da falta de respeito com o professor e com os colegas, ou seja, quando o aluno ofende seus companheiros de classe, quando insulta o professor, enfim, tratam-se de exemplos vivenciados cotidianamente dentro do ambiente de ensino.

Nesse contexto, a indisciplina é um sério problema e um dos principais obstáculos para a aprendizagem. Os atos de indisciplina interferem na aprendizagem, visto que se o aluno não demonstra interesse pelos estudos, consequentemente terá dificuldades para obter bons resultados.

De uma maneira geral, os professores participantes desta pesquisa relacionam a indisciplina ao aluno e especificamente, à família. É possível analisar que para a maioria dos professores a família é a maior responsável pela indisciplina. Tal fato pode ser atribuído à falta de compreensão do professor em assumir essa responsabilidade, e por isso se isenta diante de tal problemática. Levando em consideração os aspectos apresentados anteriormente, entende-se que a atitude tomada por alguns está diretamente relacionada à preocupação e a autoafirmação da carreira docente.

Ao questionar sobre a maneira como os professores lidavam com a indisciplina, foi possível analisar que a maioria busca uma solução rápida e age de maneira punitiva com os alunos, utilizando de advertência e reclamações, noutros casos encaminham a coordenação ou solicitam a presença dos pais na escola.

Por meio dessas colocações, compreendemos que a prática dos professores diante da indisciplina carece de maiores reflexões, que os possibilitem conhecer quais são as razões e causas que envolvem essa problemática dentro do meio educacional, para que somente assim, possam agir e criar ações favoráveis para melhorar o comportamento do aluno, bem como para a qualidade do ensino-aprendizagem.

Cabe ao professor mediar e criar condições favoráveis para lidar com a indisciplina. Utilizar-se de ferramentas que possa reforçar o bom comportamento do aluno, ou seja, motivá-los, parabenizá-los, elogiá-los, pois tais maneiras possibilitam o professor mostrar ao aluno que reconhece e valoriza suas atitudes. Além disso, cabe ao professor como mediador desenvolver um planejamento com metodologias criativas, inovadoras que possam contribuir para construção do conhecimento.

Portanto, espera-se que este trabalho sirva como material de apoio para reflexões, indagações, futuras pesquisas, para a colaboração de outras produções sobre a temática, bem como para o auxílio da compreensão do comportamento indisciplinar do aluno na sala de aula, e em especial para a colaboração do entendimento de professores e futuros docentes sobre a necessidade de refletir e saber construir estratégias pedagógicas para trabalhar de forma positiva a indisciplina do aluno em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa. A indisciplina e a escola. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.181-204, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59634/62731>. Acesso em: 16 jan. de 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, DF: Senado, 1988.

BRASIL, **República Federativa do**. Lei nº 13.010, de 26 de jul. de 2014. Acesso em: 01 de maio de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm.

BRASIL. Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm. Acesso em: 16 de jan. de 2015.

BRASIL é ‘campeão’ em mau comportamento na sala de aula, indica pesquisa da OCDE. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/32705/brasil-e-campeao-em-mau-comportamento-na-aula-indica-pesquisa-da-ocde>. Acesso em: 12 de dez. de 2017.

BRITTO, Ana Cláudia de Oliveira. **Indisciplina na sala de aula: contribuições da análise do comportamento**. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso) Centro Universitário Católico Salesiano, São Paulo, 2013.

CARRARA, Kester. Behaviorismo, Análise do Comportamento e educação. In: CARRARA, Kester (org.) **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

CHAVES, Evenice Santos; GALVÃO, Olavo de Farias. O Behaviorismo Radical e a Interdisciplinaridade: possibilidade de uma nova síntese?. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 308-314, 2005.

COUTRIM, Rosana Maria da Exaltação; ALMEIDA, João Paulo de. **AH! Se fosse no meu tempo... As representações da escola para professores e alunos nos anos 70 e na atualidade**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/736.pdf>. Acesso dia 16 de jan. de 2016.

CORREIA, Clarissa Tambara. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): entre diagnóstico e o desejado controle dos corpos**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, nov. 2014. Disponível em:

<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/716/1/2014ClarissaTambaraCorreia.pdf>. Acesso em: 01 de fev. de 2018.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo descoberta e criação. In. DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Romeu Gomes; MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARVALHO NETO, Marcus Bentes de . Análise do Comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. **Interação em Psicologia**, Universidade Federal do Pará, vol. 6, n. 1, p. 13-18, 2002.

DAVIDOFF, Linda L. Psicologia: presente e passado. In: Introdução a Psicologia. In. **Introdução à psicologia**. Me Graw-Hill do Brasil, 1983.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed. 58. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GARCIA, Joe. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Rev. Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 82, Jan/ Abr., p. 101-108, 1999. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf. Acesso em: 01 de mar. de 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (organizadores). Método de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 18 de mar. de 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENKLAIN, Marcelo Henrique Oliveira; CARMO, João dos Santos. Contribuições da Análise do Comportamento à Educação: um convite ao diálogo. **Caderno de pesquisa**. V. 43, n. 149, p. 704-723, maio/ago de 2013.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEMOES, Luis Humbert Andrade de; CARVALHO, Jardeson Fragoso. Uma introdução à tecnologia comportamental de ensino. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, v. 1, n. 2, jul./dez. 2015. p. 330-347.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Joana Rodrigues Gonçalves. **Indisciplina na escola: impactos e desafios no ensino-aprendizagem.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Salvador: Universidade Federal da Bahia. 2015.

MORAES, Karina Vieira de; BRITTAR, Karina dos Reis. A indisciplina como fator prejudicial para o processo de ensino-aprendizagem. In: Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa, 2016, **Anais...** Goiás: SEER (tradução do Open Journal Systems/OJS), 2016. p. 1-12. Disponível em: www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/download/8766/6272. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educação**, SP. Vol. 14, n° 1, p. 15-22. jan./julh. de 2010.

NEVES, José Luís. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v.1, n°3, 2° sem./1996.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da aprendizagem: processos e teorias.** Brasília: Liber Livro, 2009. 192 p.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Rev. Travessias**. v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>. Acesso em: jan. de 2018.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PEREIRA, Márcia Aparecida da Silva. **Indisciplina escolar: concepções dos professores e relações com a formação docente.** Dissertação. Campo Grande: UCBDB – Universidade Católica Dom Bosco, Mestrado em Educação, 2009.

PROVA BRASIL. Disponível em: <http://qedu.org.br/brasil/pessoas/professor>. Acesso em: 17 de jan. de 2017.

PROVA BRASIL. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/pessoas>. Acesso em: 17 de jan. de 2017.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

RICHTER, Barbara Rocha. **O Professor atento ao TDAH: a hiperatividade e indisciplina na** revista Nova Escola. IX ANPESUL, 2012. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2043/331>. Acesso em: 01 de jan. de 2018.

RODRIGUES, Icaro Arcênio de Alencar; MARQUES, Larissa Carvalho; GOMES, Márcia Maria Costa. Como a indisciplina em sala de aula interfere no trabalho docente. **Revista Principia**, João Pessoa, v. 2, p. 21-29, 2012.

SAMPAIO, Angelo Augusto Silva, Skinner: sobre ciência e comportamento humano. **Psicologia Ciência e profissão**. Universidade Federal da Bahia, vol. 25, n. 3, p. 370-383, 2005.

SANTOS, Sofia Carlos Gomes Belles Simplício Ribeiro dos. **A educação e o controle do comportamento**: Pressupostos da Teoria Behaviorista. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Curso de Pedagogia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes; 2015. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC-2015/sofia_carlos_gomes_belles_simplicio_ribeiro_santos.pdf. Acesso em: 05 de fev. de 2016.

SILVA, Margarete Virgínia Gonçalves; FERREIRA, Jacques de Lima; GALERA, Jocely Maria Bassetto. **A indisciplina escolar enquanto desafio na formação do professor**: uma realidade posta na sociedade contemporânea. 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/126_494.pdf. Acesso em: 01 dez. de 2017.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Alaíde Lopes da. Dislexia: dificuldade de aprendizagem e o papel da escola na compreensão e atendimento do aluno com transtorno na linguagem oral e escrita. **Revista eventos Pedagógicos**. v. 6, n. 4, ed. 17, p. 22-33, nov./dez. 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2013>. Acesso em: 01 de jan. de 2018.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução realizada por João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOUZA, Sandra Maria de. **Causa e consequências da indisciplina na sala de aula do 6º ao 9º ano na escola pública**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Imperatriz: Universidade de Imperatriz, Curso de Pedagogia. 2009.

Sociedade dos poetas mortos. Direção: Peter Weir: CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Americana. Intérpretes: Robin Williams; Robert Sean Leonard; Ethan Hawke; e outros. Distribuidor: Disney / Buena Vista. 1990. 1 filme (2 h e 08min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EXw77BkVqyA>. Acesso em: 05 de mar. de 2015.

TAVARES, Tatiane Salvador da Cruz. **Indisciplina escolar e sua influência no aprendizado**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Medianeira: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2012.

TEIXEIRA, Irenides. **A relação professor x aluno à luz da narrativa fílmica** “Sociedade dos Poetas Mortos”. Disponível em: <http://ulbra-to.br/encena/2013/06/17/A-relacao-professor-x-aluno-a-luz-da-narrativa-filmica-Sociedade-dos-Poetas-Mortos>. Acesso: 22 de jan. de 2015.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. ed. ver. atual. e ampl. São Paulo: Integrare, 2006.

TOKARNIA, Mariana. **Prova Brasil: mais de 22 mil professores ameaçados por estudantes**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-03/prova-brasil-mais-de-22-mil-professores-ameacados-por-estudantes>. Acesso em 08 de ago. de 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. ed. São Paulo: Cortez, 2009, (Coleção Docência em Formação. Série Problemáticas Transversais).

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. ed. 18. São Paulo: Libertad Editora, 2010. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.4).

WATSON, John Broadus. Psychology as the behaviorist views it (1913). Clássico traduzido: a psicologia como o behaviorista a vê. Tradução: Flávio Karpinski Gerab, Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira, Mariana Zagoo Castelli, Pedro Eduardo Siva Ambra, Tauane Paula Gehm, Marcus Bentes de Carvalho Neto. **Temas em Psicologia**, vol. 16, n° 2, 289-301, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200011. Acesso em: 18 de mar. de 2015.